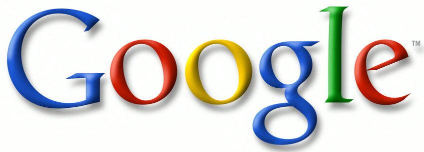



LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN

GEORGICAS
PORTUGUEZAS,

POR

Mousinho

LUIZ DA SILVA ~~MOZINHO~~ DE ALBUQUERQUE,

DEDICADAS

A SUA MULHER

D. ANNA MASCARENHAS DE ATAIDE.

Fortunatus et ille, Deos qui novit agrestes,
Virg. Georg.

PARIS,

NA OFFICINA DE BOBÉE, RUA DA TABLETTERIE, Nº 9.

1820.

PROLOGO DOS EDITORES.



Os Redactores dos Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras recebêrão de Portugal o Poema intitulado GEORGICAS PORTUGUEZAS, com as Notas, que o acompanhão, o qual seu Autor lhes remettêra, deixando ao entender delles a sua publicação, se a tivessem por conveniente. Os Redactores julgárão não poder melhor corresponder á franqueza, modestia e ingenuidade do Autor, do que publicando por meio do prelo o ditto Poema; no que lhes parece fazerem á Nação hum prezente, á agricultura hum serviço, e ao Autor

huma justiça; e esperão q̄ue o publico portuguez, confirmando a opinião dos Editores, ache na publicação desta Obra mais huma prova do muito que elles desejão animar, e fazer conhecer as producções originaes portuguezas, e concorrer, quanto nelles está, para a gloria e utilidade das Sciencias e da Patria.

ADVERTENCIA DO AUTOR.

O MOTIVO, que me fez julgar conveniente juntar ao texto as Notas, que dou com elle, foi o lembrar-me, que ellas poderão servir para acclarar alguns termos technicos, e algumas passagens, que não estiverem ao alcance de todo o leitor, e igualmente para dar a razão de algumas liberdades, que no texto tomei. Nas Notas botanicas, copiei, quanto me foi possivel, o nosso illustre compatriota FELIX AVELLAR BROTERO, nas suas Noções elementares d'esta sciencia.

GEORGICAS

PORTUGUEZAS.



CANTO I.

Agreste accento, oh doce Nize, escuta,
Nize meu só prazer, amante cara,
Futura companheira de meus dias;
Ouve os meus versos, em que desde esta hora
Começo a celebrar dos lavradores
Quaes sejão os prazeres e os cuidados;
Quaes os trabalhos do que arando a terra
As sementes lhe lança; qual das vinhas
O trato seja; dos diversos gados
Quantas as producções, e que desvelos
Careção a final ter os pastores.

Musa, que outr' ora nas Latinas selvas,
Do vate Mantuano pelos labios,
Ruraes preceitos em sublimes versos
Ao lavrador Italico ensinaste,
Hoje em meu canto hum fogo igual derrama.
Que outrem pulsando a majestosa lyra
Do Meonio cantor, de Smyrna os votos,
O incenso appeteça e seus altares;
Rasgando com hum vôo impetuoso
A barreira dos seculos, os nomes
Dos heroes, que celebra, pronuncie
Ás derradeiras gerações remotas;
Ferindo as cordas da sublime lyra,
Troe nos ares qual de Jove a dextra,
Trace horrorosos bellicos estragos;
E entre ruinas e montões de mortos
Alce tropheos de sangue salpicados;
Que, ao som accorde da campestre avena,
Eu canto a vida, a singeleza canto
Gratas aos corações e aos Deoses gratas.

Canto, oh Nize, os pacificos asylos
Do activo colono e seus cuidados.
Vós, agrestes Deidades bemfazejas,
Sacras Dryades, Deosas dos verdores,
Que os troncos protegeis e os altos bosques:
E vós oh frescas Naiades, que as urnas
Inclinando beneficas, aos campos
Mandais de vossas aguas a frescura;
Vós, capripedes Faunos e Bacchantes,
Em torno a mim girai, e os meus trabalhos
Anime o vosso influxo poderoso.

Já de Rhea e Saturno a aurea idade
Entre os mortaes seus dotes não espalha;
Já não crescem nas varzeas não aradas
As abundantes messes, nem das rochas
O leite e o vinho em borbotões rebentão;
A planta a florescer já não convida
Sempre sereno e puro hum ceo benigno;
Do hirsuto inverno regelado sopro,

O bafo abrasador do ardente estio
Alternativamente ao homem roubão
De hum clima sempre mornò o doce encanto.
Já do Padre Lenêo as ferteis cepas
Não ornão espontaneas as collinas,
Nem de Minerva a arvore prospéra
Sem trato e sem cultura pelos campos.
Aspero tojo, c'o rasteiro abrolho,
O carrasco abundante em fructo amargo,
A cicuta homicida, a silva, o feto,
C'o junco agudo e mil ingratas plantas
Suffocão tenros germes, que a fraqueza,
Bem como a utilidade, em dote houverão.
Vinde pois, oh colonos, e deixando
O chaonio aspr'o fructo, e do Acheloio
As frigidas torrentes, os trabalhos
Da sublime Thesmophoros, de Evous,
De Minerva e de Pan seguindo attentos,
Colher os fructos, recompensa grata
Dos suores da industria activa e nobre,

Diversas regiões, diversos climas
Compõem a habitação da prole humana:
Huns eminente vêm a Cynosura (1)
De neves abundante, congeladas
Alli as aguas, negão as ribeiras
Bebida aos gados, nega o succo ás plantas,
Carregada de gelo a steril terra;
Alli os astros em continuos gyros
Jámais as ondas buscão do salgado;
Por seis mezes o sol os alumia,
E seis mezes occulto, espessa noute,
Medonhas trevas dissipar não ousa.
Tem huma sorte igual os que domina
O austral Xyphias (2) no hemispherio opposto;
N' huns e n'outros jámais do sol os raios
Acabão de fundir os altos serros
De neve tão antiga como a Terra.
Em tanto, os que entre o Cancro furibundo
E o signo a Pan no Egypto consagrado (3)
Morada tem, de hum clima sempre ardente

O rigor exp'rimentão; duas vezes
Em o gyro annual Phebo os visita,
Já quando de Jason a preza occupa,
E já quando alumia a sacrá Themis. (4)
Venturosas, oh vós temp'radas zonas,
Que a torrida cingis, onde hum ar doce
Entretem a verdura pelos prados;
Aonde não prosperão feras bravas,
Tigres, Ursos, Leões, duros imigos
Dos tristes animais menos forçosos:
A vós o Ceo em gyro certo envia
Verão, Outono, Inverno e Primavera;
Aos vossos habitantes me dirijo;
Ceres me anima, e seus trabalhos canto.

Colono industrioso, a quem os Numes
De teu util suor em recompensa
Olhão propicios, antes que a lavoura
Comeces em teus campos, busca attento
Qual d'esses campos seja a natureza.

Áquem repousa o humus nutritivo
Sobre a compacta greda, alem a greda
Cobre hum calcario assento, alem a steril
E solta arêa revestindo os campos,
A apparencia lhes dá da praia fria;
Estes cobrem volcanicos productos,
Aquelles producções do mar salgado,
Que parecem mostrar que em prisca idade
Estendêra seu sceptro alli Neptuno.
Largas varzeas de pastos abundantes
São a partilha de hum, outro c'o ferro
Rasga hum arido solo pedregoso.
Alli desponta pela terra a grama
Amiga da frescura, alem floresce
A esteva, a giesta, o tojo hirsuto;
N' outra parte o trovisco, que na terra
Lança as raizes a buscar frescura;
Do Libano no cume o cedro cresce
E qual iman, volvendo ao norte a flecha, (5)
Alonga as braças, ameaçando as ondas;

Da Suecia nos montes o pinheiro
Ostenta o alto tronco e verde copa.
Da terra nas entranhas, n'huma parte
Se forma o ferro duro, n'outra o fulvo
Ouro luzente e a prata preciosa.
Assim da variada natureza
A incalculavel força creadora
Deo a cada paiz suas riquezas,
E quiz que os homens, mutuamente unidos
Pelos laços do int'resse, em mutuas trocas
A massa dos thesouros repartissem.

Se variada he pois a natureza
Nas producções dos campos, e em seu fundo;
Se n'huns abundão aguas, que os conservão
Frios e humidos sempre, e n'outros falta
A frescura int'rior, e muitas vezes
Implorão chuvas e engrossadas nevoas,
Que a devorante sede lhes saciem:
Não deve ser igual por toda a parte

Das producções a escolha e a cultura.
Cada terreno exige seus trabalhos;
Nem igualmente deve ser tratado
O fertil valle, ou a montanha steril.

Se o assento seguro, onde repousa
A primeira camada do terreno,
He humido e compacto, se o seu nivel,
Inf'rior ao dos rios e correntes,
A entrada lhes permitte de tal fórma,
Que alli no inverno vem nadantes peixes
E grasna a verde rã na primavera;
Ou se dos montes, que de em torno o cercão,
Se despenhão alli as turvas aguas
Das Hyades chorosas, (6) que da frente
Do cornigero Tauro a terra inundão
Na chuvosa estação; se alli verdejão
Os altos juncos, e c'o gume agudo
Se devisa o carriço entre espadanas;
Impossivel será que a loura Ceres

As espigas alli á fouce off'reça
Sem hum trabalho grande; mas se attento,
Se perito cultor com fundas vallas
Corta o terreno, e deposita n'ellas
A agua excessiva; se com forte muro
De terra dura e vigorosas plantas,
Constrange o rio a respeitar seu campo;
Assim co'a inundação gordo o terreno
Será mais que algum outro productivo.

Não de outra sorte o Hollandez constante,
Combatendo os furores de Neptuno,
Lhe rouba hum solo, que inf'rior ás vagas,
He da industria feliz fertil conquista.
Se off'rece hum campo tal hum grande fundo,
Das charruas a entrada não moderes;
Nem tampouco em terreno aonde a argilla
Cobre hum solo ligeiro e arenoso;
Dobra o trabalho, e co' as lavouras forma
A quaesquer producções util mistura:

Menos profundos regos porêm traça
No terreno ligeiro e pouco fertil:
E apenas as sementes cubra a terra,
Se acaso constitue a arêa o campo.
Então recêa que o ardor de Phebo,
Quando do Cancro os raios seus dardeja,
Em vapores subtiz a si chamando
Da terra os succos, a seccura inteira
O terreno reduza, e d'esta sorte
Faça murcha cahir a esp'rança tua.

Examina, pesquiza attentamente
Quaes são as producções, que o solo vestem
Abandonado a si; contempla attento
Quaes são do grão da terra os elementos,
Qual he a exposição, de que maneira
A agua a lava, e de que parte os ventos
A costumão bater com maior força:
Dos antigos colonos cuidadoso
As practicas estuda, e os dois extremos

No teu methodo evita; o povo rude,
De usos velhos escravo, ás cegas marcha
No caminho trilhado, e ás vezes erra;
Porêm erra tambem o que insultando
O rumo antigo, na vereda opposta
Temerário se arroja : entre huns e outros
Convem só caminhar, á toda a parte
A todo o instante dirigindo os olhos.

Porêm já toca o filho de Latona
A celeste Balança : (7) a calma ardente
Começa a applacar-se : sobre as azas
Dos favonios subtiz grata frescura
Os campos reanima : o orbe inteiro
Igual a negra noute tem ao dia.
Já vapores aerios condensados
Em grossas gottas tem descido á terra,
Que anciosa no seio ardente os sorve :
Cuidadoso colono os bois pesados
Prende á forte charrua e ara os campos.

Carreguâmos, oh Nize, dos novilhos
Co' jugo a frente: de teu lado eu vôo,
O trabalho me chama. He este o tempo
De revolver co' arado a dura terra,
De expôr-lhe bem rasgado o fertil seio
A receber o influxo fecundante
Da subtil atmosphera: he este o tempo
Em que o feno que os largos campos cobre,
Sob as leivas submerso apodrecendo,
Prepare succos, e dê força ás terras.

Bem depressa entre nuvens procellosas
O fogoso Orião (8) co' braço ingente,
Conduzirá o horror das tempestades:
Em o terreno pobre he pois forçoso
Que elle encontre nascido o tenro nabo,
O amargo tremoço, a fusiforme (9)
Raiz do rábão, que na primavera
Novamente voltados co'a charrua,
Hão de formar o adubo precioso,

Decompostos no seio que os criára,

He tempo, ah corre, de escolhidos trigos
Enche o semeador : ultimo córte
Ao terreno vou dar, já preparado
A receber o grão : prendão-se ás grades
Ligeiras eguas, cubrão-se as sementes
Dos senteios, dos trigos, das cevadas,
Da leve avêa, e em direitos regos
Compassada se lance a grossa fava
E a redonda ervilha : aproveitêmos
O tempo claro, em que o terreno leve
Não acabrunha o grão, ou o germe esmaga.

Ah! longe o ocio, longe a vil preguiça,
Pois que o homem nasceo para o trabalho :
E que doce trabalho! ah! de meus olhos
A imagem fuja de infelizes horas
Consumidas em triste ociosidade.
Com que prazer, oh Nize, espero hum dia,

Quando cansado eu volte da lavoura,
Ver-te correr a mim, e eu aos teus braços
Satisfeito voar! do nosso albergue
Fugirão a tristeza, o negro enjôo
Filho da ociosidade, e pai dos crimes;
Aos filhos inda tenros ensinando
A aproveitar as forças infantinas,
Com ellas o trabalho ajudaremos.
Em quanto o lavrador a esteva empunha,
Com a vara o filhinho os bois lhe rege,
Outro a loura semente lhe ministra
Quando o campo semêa, outro em mil gyros
Passa e repassa no terreno a grade.

Oh! mil vezes feliz todo o que pode
A singelos prazeres dedicar-se!
Feliz mil vezes o que aos pés calcando
Huma van ambição, e os seus prestigios,
Ri dos balanços de que os grandes tremem;
Que os revezes não teme da fortuna;

Que sempre util aos outros e a si mesmo,
Conhece e goza a verdadeira gloria!
Para o mortal feliz que assim cultiva
No regaço da paz, da terra o seio,
Novamente a traçar ruraes preceitos
Com o amparo teu, Musa, começo.

Huma longa exp'riencia reconhece
Quanto ao cultor nocivo he o desejo
De sempre recolher no mesmo campo
O precioso grão da flava Ceres.
Tu mesmo que retalhas co'a charrua
O mais fecundo chão, se não desejas
Virar em pouco tempo hum solo exhausto,
Alterna as producções nas lavras tuas.
O terreno, onde hum anno a fouce curva
Do trigo tem prostrado a espiga loura,
Orne no anno seguinte, se elle he fresco
E de aguas abundante, verde milho;
Se leve e solto, estenda pela terra

Seus tuberosos pomos (10) a batata;
Alli o nabo cresça, ou crescão plantas
Á nutrição dos gados necessarias.
O cultor Calabrez da sula os fenos
Tira da terra no anno em que a descansa,
E co' ultimo córte aduba o campo,
Cujo seio a charrua despedaça.
Muitos vigorão hum terreno exhausto
Tendo-o em prado por tempos convertido,
Ou lhe lanção a optima luzerna
De profunda raiz, ou o alto trevo,
Ou o onobrychis proprio á terra ingrata. (11)

Oh de que admiração, oh de que espanto
Enche a sabia natura o que as leis suas
Profundo estuda, e co' a razão consulta!
Desde os gyros marcados dos planetas,
Desde a gravitação de ingentes massas,
Té ao despojo da mesquinha planta,
Até á morte do mais vil insecto,



Tudo tende ao seu fim, nada he perdido.

Na terra nasce a planta, da atmosphera,
E do seio que a nutre os succos tira;
Mas cahindo a final no mesmo seio
Fecundo, que a criou, com abundancia
Lhe restitue os dons que lhe roubara,
E seu despojo transformado em humus
Abundante, a vigora e lhe dá succos
Que nutrem, em vez de huma, varias plantas.
Assim do bosque antigo, que prostrara
A mão severa do voraz Saturno,
As reliquias descendo aos fundos valles,
Com o lapso do tempo os tornão ferteis;
Assim as aguas, que no iroso inverno
Descendo do alto monte, a terra alagão,
Com sigo mortos ramos arrastando,
Baixão aos campos e hum nateiro fertil
Sobre as exhaustas lavras depositão.
Não de outra sorte o Nilo, que engrossara

Na Ethiopia a chuvosa primavera,
Por sete vezes com horrendo estrondo
Cahindo despenhado dos rochedos
Entra no Egypto, inunda socegado
Os campos, e dos incolas ditosos
Forma todo o prazer, toda a abundancia.

Mas nem em toda a parte a natureza
Quiz ella mesma ser quem adubasse,
Quem viesse trazer o succo á terra;
Contente de traçar-nos o caminho,
O trilhá-lo deixou á industria nossa.
Assim o agricultor attento busca
Povoar o terreno que prepara,
De succulentas e ramosas plantas,
Que possa submergir co' forte arado,
Quando cobertas de viçosas flores
Com a volta da fresca primavera,
Lhe podem fornecer de fertil humus
A maior copia; aos pés das rezes suas

Estendendo o palhiço, ou tenro mato,
Lança-os em covas, onde fermentando,
Por tempos em adubo se convertem.
Sûa, trabalha; que a fadiga, o trato
São partilha do agricola, e contente
Nas lavras em que assiduo se esmerara
Vê a final crescer fecunda messe.
Nem desprezar eu devo no meu canto
Do colono infeliz de pobres terras
A industria que lhe faz tornar em cinzas
A esteva, a giesta, o baixo feto,
E dar assim vigor ao seu terreno.

Porém nem só das plantas os despojos,
Nem só dos animaes o quente estrume,
Productivos os campos tornar podem.
São diversos os solos como os climas.
Sobre a argilla tenaz, que não permitte
Das raizes a entrada, a solta arêa
Grande effeito produz; bem como a argilla

Ligando as partes de arenosa terra.
Á força de lavouras repetidas
Tornão-se a cré e o tufo productivos,
E no campo onde seixos importunos
Da cultura os trabalhos embaração
O lavrador se applica a separá-los.
Este calcina em fornos pelo campo
O tenaz barro, aquelle com pequenas
Vallas enxuga hum brejo, em quanto est'outro,
Fazendo rebentar com fogo as penhas,
Vai hum caminho abrir ás frescas aguas,
Que depois murmurando em canaes varios,
A refrescar conduz as plantas suas.

MAS tu agora, oh firme scrutadora
Dos thesouros da fertil natureza,
Musa, ao Agricultor, da marga (12) o uso
Canta e ensina. Aquella que se esfolha,
Que absorve a agua e n'ella se dissolve
He propria para o fraco esteril solo,

Que por continuos fructos esgotado
Carece de conforto e de socorros;
Aquella em que a alumina he dominante,
Com vantajem se applica á nimiamente,
Ou areenta, ou desligada terra;
A calcaria porêm leva a abundancia
Ao terreno tenaz, ao encharcado,
Bem como áquelle em que domina a arêa
Vitrificavel, magra, solta e esteril.

Quando n' hum solo ingrato o cultor sabio
Tem descoberto a marga, nova esp'rança
Luz aos seus olhos; elle a arranca a ferro
Do seio que a contêm, em varios montes
Aos rigores a expõe do frio inverno,
E quando a primavera vem cobrindo
De flores as campinas, rijo malho
Desfaz a pedra co' as geadas branda,
E em dose moderada pelo campo
O fecundante pó então se espalha,

Enterra-se á charrua, e quinze dias
Depois, ara de novo a relha o solo;
Sobre tudo se de águas abundante,
Lançou o céo chuveiros sobre a terra.

Taes são, oh Nize cara, os que no campo
Detem o lavrador empregos varios;
Porêm quando das nuvens procellosas
Cahe a crüel saraiva, a chuva grossa,
Quando zunindo os ventos indomados
Pelos bosques os ramos despedação,
He no simples abrigo das cabanas
Que se occupa o cultor; hum entrelaça
O brando vime, e d'elle os cestos tece,
Outro afia o machado, e falca os troncos
Seccos e fortes; este faz reparos
Na pesada charrua, aquelle apromptа
Cangas e jugos, em quanto outro fende
Com a serra mordaz madeira em pranchas.

Houve tempo em que errantes entr'as selvas,
Dos fructos que spontanea a terra dava;
Os selvagens humanos se nutrião.
Oh bem haja o mortal que ousou primeiro
Forçar o touro a submetter-se ao jugo!
Oh bem haja o primeiro, que dobrando
A força de calor o duro ferro
Fez aos humanos conhecer seu uso!
Desde o primeiro simples instrumento
Destinado a rasgar da terra o seio,
Seu invento nascer vio cada idade;
E a arte, mais e mais ganhando luzes,
Melhorou pouco a pouco o rude arado
Do primeiro cultor; já adaptando
A relha ao ligneo primitivo dente,
Já a sega cortante á aguda relha,
Já a ambas unindo a rija aiveca;
Té que varias especies de charruas,
Proprias a varias terras, varios usos,
Á escolha do cultor se apresentárão.

Descrever não intento, oh Nize, agora
As proporções, a fórma, ou a grandeza
Dos uteis instrumentos aratorios;
Direi só quaes convem ás varias terras,
Conforme o vario trato com que folgão.
Terreno asp'ro e duro, he bem se rasgue
Profundamente, e n'elle o cultor habil
A huma charrua forte prende o tiro;
O contrario practica em leve solo,
Em hum chão áreento, e no em que teme
Chamar á superficie esteril terra.

De forças economico o artista
Á charrua pesada une mais segas
Para abrirem caminho á larga relha;
Ou do dente tambem as faces burne,
E para elle escolhe o rijo tronco
Da pereira, abrunheiro, ou de que pendem
As sanguineas cerejas, preferindo
O criado em hum sitio secco e alto,

Pedregoso e exposto ao sol nascente:
O carvalho frondoso, e o que envolve
Porosa casca, tronco da sobreira
Nas mãos do constructor não são inuteis,
Nem inda o rijo páo de antigos freixos.
De hum aço puro de Vulcano o alumno
Sobre a rija bigorna a relha forma,
Alli forja tambem segas cortantes.
Humas vezes á relha, quando a aiveca
Passa de hum lado ao outro, a fórma imprime
Da mortifera lança de Mavorte;
Outras para a charrua, que constante
A leiva volve sempre ao mesmo lado,
Só d'esse á relha forma gume agudo.
Destinada a lançar no aberto rego
Do novo rego a terra, a enterrar n' elle
As arrancadas semi-murchas plantas,
Em fórma curva deve ser a aiveca,
E na parte ext'rior polida e liza.

Qual empunhando o leme o nauta ousado
Na derrota ao navio fita a proa,
Assim o lavrador, em quanto canta
Após os tardos bois, co' a curta esteva
A charrua dirige; a braça curva
D'hum lenho forte a coustruî-la he propria.
O apego he da charrua exacto guia,
D' elle depende o fundo em que entra o dente,
D' elle a ordem dos sulcos e a grandeza;
Busca, oh artista, o tronco hum tanto curvo
Da faia, freixo, ou tilia e d' elle o forma;
Leves madeiras e delgados ferros,
Combinados e unidos com destreza
Devem compôr os circulos, que gyrão
Levemente no eixo; assim ao tiro
O enfado evitarás, de mór esforço.

Para romper de novo antigos prados,
A charrua sem dente he vantajosa,
E a fim de dividir, quebrar a terra

São as pesadas grades necessarias;
Com as ligeiras cobrem-se as sementes·
De fortes carros, de carretas leves
Ha mister a final toda a cultura.

Até agora cantei da terra o trato,
As lavouras tendentes a aprompta-la
Aos benignos influxos da atmosphera;
Mostrei a arte de adubar os campos,
A fim de lhes prestar fecundos succos:
Trato agora dos regos que a charrua
Deve dar ao terreno, antes que a elle
A semente se lance; agora digo
O tempo, o modo d' espalhar nas terras
Os preciosos grãos, uteis legumes,
As raizes e plantas nutrientes.
Tu Deosa do cultor, oh flava Ceres,
Tu me reforça a voz, e accende a mente!

Antes de dar qualquer semente ao campo,
He preciso primeiro que lavrado

Seja este muitas vezes: não recêes
O trabalho, oh cultor; que sem trabalho
Não produzem as lavras abundancia.
Cruze hum rego outro rego, com seus dentes
Quebre e divida a grade a cogulada
Terra junta em torrões: de novo passe
No terreno a charrua, e então nelle,
Segundo a qualidade e a natureza,
A semente se espalhe productiva.

Se em terreno fecundo, fofo e leve
Pertendes semear branda batata,
Em varias partes a raiz divide,
Cada huma das quaes contenha hum germe,
E ao longo dos regos da charrua
A iguaes espaços cuidadoso a lança,
Distribuindo em torno hum proprio adubo.
Se faz o louro milho a esp'rança tua,
Assaz fundo co'a grade o grão enterra,
Traçando logo no terreno lizo

As regadeiras, que no ardente estio
Alli devem guiar as frescas aguas.
De hum modo semelhante o feijão tenro,
O grão, a ervilha no terreno lança,
E no outono o tremoço amargo enterra,
Bem como a fava em alinhados sulcos.
Mas se o linho te occupa, tenra planta,
Que toma fórmas mil nas mãos da arte,
Ou seja para ornato e cobertura,
Ou seja para as cordas vigorosas,
Trabalha mais que nunca o teu terreno,
Mais que nunca o aduba, e tão sómente
Hum tal cuidado emprega em solo fresco,
Bom, solto e leve, e de aguas não escasso.

Para formar os permanentes prados
Da luzerna, do trevo e de outras plantas,
Erro p'rigoso fôra ao fertil solo
Roubar lavouras e poupar trabalhos.
Venturoso o colono, que habitando

Fertil paiz, de braços abundante,
Após os gyros da pesada grade
A malho faz estorroar a terra!
A neve, que durante a estação dura,
Fórça co' peso a encurvar os ramos
Das arvores e arbustos, he temivel
Para o milho inda tenro, e damnifica
O nascido feijão; esse o motivo
Por que para os lançar ao solo aguarda
Da primavera a volta o cultor habil.
Nascidas estas plantas, duas vezes
Gozão da sacha o proveitoso trato,
Já para destruir nocivas plantas,
Já para as desbastar, chegar-lhes terra.
Ao menos huma vez igual trabalho
Faz praticar em derredor da ervilha,
Do amarello grão, da parda fava:
E da batata as hasteas productivas
Por varias vezes sob a terra estende.

Porém tu, dos mortaes ricco thesouro,
Tu precioso dom da flava Ceres,
Agora sê objecto do meu canto.
Ouvi-me, oh lavradores, escutai-me:
He tempo de lançar o trigo aos campos.

Jámais produzir pode a má semente
Ao cultor hum nutrido e limpo fructo;
Jámais o trigo secco, o enrugado,
Ou roîdo, grelado, ou com mistura
D' estranhos grãos, produz formosas messes:
O primeiro em si mesmo traz a origem
Da fraqueza e dos vicios; o outro abriga
Inimigos fataes, que a suffocá-lo
Nos regos hão de vir. Habil colono,
Passa no crivo, na joeira passa
O trigo que ao terreno teu confias.

Cultores ha, que ao seu int'ressé attentos,
Em barrela alcalina os grãos mergulhão,

Afim de aniquilar os roedores
E nocivos insectos que os devorão.
Mas ainda a pezar do mór desvelo,
No mesmo solo o trigo degenera,
Mais de tres vezes sendo semeado:
Deve pois o cultor de tempo em tempo
Renovar as sementes, e buscá-las
Em analoga terra, e verá ledo
Crescerem no seu campo altivas messes
Coroadas de espigas preciosas;
Sobre tudo se o grão em tal mudança
Se acha lançado em mais fecundo solo.

Depois que revolvida foi a terra
Com lavouras cruzadas, que o seu seio,
Passado já o caloroso estio,
Com abundancia refrescado ha sido
Pelas primeiras aguas, quando os germes,
Que no campo cahîrão, por si mesmos
Rompem, se desenvolvem; quando os bosques

Despem as folhas, que o verão crestara,
E Arachne pela terra as tramas urde
Estendendo no rego o argenteo fio:
Quadra em que o sol de nós desvia os raios,
E vai da Libra ao furibundo Scorpio: (13)
Cautella então, cultores, chega o tempo
Do momento espiar da sementeira.

N'HUM dia claro e secco, e quando a terra
Bem movida e quebrada, humida esteja
Em proporção tão justa, que nem vôe
Em pó subtil, nem c'o trabalho, unida
E compacta se torne, avançar deve
Dextro semeador, e com mão certa
Espalhar pelas lavras a semente.
He após os seus passos, que trotando,
Conduzindo traz si ligeira grade,
Ocyroe (14) cobre os grãos co' a terra solta.
Ditoso o lavrador se no seu campo
Não fica hum só torrão que o germe esmague.

À estação, o tempo, a natureza
Do solo que se arou, e a experiencia
De versados cultores tão sómente
Devem determinar a quantidade
Dos grãos, que á mão convem lançar na terra.

Lá onde as frias águas demoradas
Fazem apodrecer no humido inverno
Os tenros germes, as sementes cobre,
Em vez da grade, huma charrua propria,
Que, levantando a terra a hum lado e ao outro,
Deixa no meio hum fosso aberto ás aguas,
E o grão desponta em alternadas cintas.
He assim que os cultores, implorando
A clemencia dos ceos, a sua esp'rança
No seio de Cybele depositão.

Á terra desce o inverno; as grossas chuvas,
Os rijos furacões, a branca neve
Molhão, batem, alvejão pelo campo.

Os mortos ramos com torcidos braços,
As espinhosas balsas sempre verdes
Interrompem a alvura das campinas;
Que branquejão co' crespo caramelo.
Fumão ao longe as rusticas choupanas,
Aonde o lavrador sentado ao fogo
Os membros seus requenta agasalhado;
Em quanto o caçador pelas encostas
O veado ligeiro, a cerva esquiva,
O javali cerdoso acerta, e mata;
Ou c' os galgos persegue na carreira
Timida lebre, que ligeira salta.
Este espera nas turvas alagôas
O pato grasnador, a altiva garça;
Aquelle a saborosa gallinhola.
Assim de bellas Nymphas rodeada,
Cingido o seio de grosseiras pelles,
Com a aljava no hombro, o arco em punho,
A soberba Diana lá da Caria
Nos altos montes e brenhosos bosques

Acossa, vence, e em terra as feras lança.

Em tanto a natureza desenvolve
Os preciosos germes; já despontão
As tenras folhas, e de hum verde alegre
Esmaltão as campinas; os cultores
Vem cheios de prazer correr os campos,
Rogando ao ceo que ajude os seus trabalhos,
E os recompense co' a abundante espiga.

Chega a fresca, a viçosa primavera,
Reverdescem os bosques, brotão flores,
Os fructos promettendo; o sol derrete
As crystallinas neves, que fundidas
Vem engrossar as rapidas ribeiras;
As implumadas aves amorosas
D' entre a nova verdura alegres cantão;
Zephyro beija as rosas, e convida
Os Satyros saltantes e os galhudos
Caprinos Faunos a seguir as Nymphas

Por entre os verdes troncos. Vem, oh Nize,
Juntos os ledos campos percorrendo,
Das novas flores, que dos ramos pendem,
Odorantes capellas teceremos;
Vem do lindo lilaz, da purpurina
Fragrante rosa e candida açucena
A frente coroar. Vinde, oh prazeres,
Companheiros fieis da tenra Flora,
Suaves risos, alegrai os campos.
As redeas sacudindo ás niveas pombas,
Venus no carro de ouro desce á terra.
Vem após ella co' as douradas tranças
Nos collos de alabastro ao vento soltas,
Tecendo as Graças mil gentiz choréas,
E em leves gyros voltejando Amores.
Prazer doce os trabalhos acompanha
Do agricola feliz, e de continuo
Amorosas canções Echo repete.

Áquem trigo tremez cantando lança

O lavrador á terra, e d' esta sorte
Assegura prudente o seu sustento;
Cresce aqui a cevada, que nascêra
No precedente outono; alli á terra
He lançada a que he propria á primavera.
Milho, feijão de especies variadas
Alem recebe o solo, grãos, lentilhas.
Áquem, curvando ao jugo a larga frente,
Os novilhos co' as leivas vão cobrindo
O verde ornato dos fecundos campos;
E entre os viçosos trigos já nascidos
Em bandos as alegres camponezas,
Com festivaes accentos o ar ferindo,
Cuidadòsas separão as más plantas,
E lhes arrancão a raiz nociva.

Que segredos, oh Nize, que bellezas
Das flores a estação nos apresenta!
Segunda creação do vasto mundo,
Novos entes o ser nella recebem,

Seja entre os animaes, seja entre as plantas:
De Colchos manda o signo mil amores
Reinar nos ares, voltejar na terra,
E os humanos alegra, promettendo
O corno precioso de Amalthea.

Meteoros electricos varião
O estado da atmospherã, e accelerão
Ora, e ora retardão a carreira
Dos succos nas entranhas já das plantas,
E já dos animaes; de Apollo o raio
Ora as nuvens encobrem, e ora brilha;
Ora sôão trovões sobre as montanhas;
Ora desce huma chuva fecundante,
Derramando a frescura pelos valles.

Mas já na quarta divisão celeste
Aonde curva o Cancro ingentes braços,
Entra o luminar do Orbe; o quente estio
Succede á temperada primavera.

Já o estame (15) ao pistillo fecundado
Deixa o fructo formar, e cahe na terra,
Com a corolla em côres variada.
Menos tenras das arvores as folhas
Oppõem de Phebo aos chammejantes raios
Verde barreira, que romper não ousão.
De torrentes já menos abundantes
Sobre o junco e caniço as frescas Naides
De espadana c'roadas sobre as urnas
Exhaustas se adormecem; de entre os matos
Sahe o sardão malhado, a escamosa
Cobra, vibrando ao sol sanguineo dardo.
Nos tectos já de Progne pia o filho;
Philoméla infeliz põe termo ao canto,
Que ha pouco os frescos bosques deleitava;
Já a côr da esmeralda cede á do ouro.
Ja as louras espigas estremecem
Do vento sacudidas. Oh momentos
De prazer para o campo! Os lavradores
Erguem as mãos ao Ceo, ao Ceo supplicão

Continue a olhá-los com piedade
Té ao ultimo instante das colheitas.

Mostra-se na extensão dos ferteis campos
Não só a esp'rança do cultor, mas nelles
Se vê de huma nação todo o thesouro.
Afasta, oh Ceo piedoso, o horrido estrago
Da saraiva cruel, que em hum momento,
Companheira do raio furibundo,
Extingue todo o bem com tanto esforço
E tanto suor ganho; afasta as chuvas,
Que ás vezes alagando as louras messes,
Das ribeiras engrossão as correntes
E arrastão entre as ondas procellosas,
Entre as ruinas com enorme estrago
A vital nutrição de hum povo inteiro.
Flagellos horrorosos, que a vingança
Dos Numes irritados muitas vezes
Á terra manda; após os quaes levantão
A mofina indigencia, a magra fome,

A pobreza, a miseria as mãos mirradas,
E empunha entre ellas impia fouce a morte.
Mas ouve o Ceo as preces dos cultores,
E justo recompensa os seus trabalhos.

Já no campo as espigas ondeando
Figurão hum mar de ouro, a branda palha
Amarella se mostra, o grão condensa
O lacteo succo; he tempo de cortá-lo,
Antes que muito secco o rijo Eolo
E a mão do ceifador por terra entornem
O fructo, rôta a espiga. Oh flava Ceres,
Vem tu mesma guiar os ceifadores,
Empunha a curva fouce e prostra a planta.

Camponezes, correi, atai os molhos,
Erguei-os em pavêas, que dirijão
As espigas ao céo, util cautella
Em todo o tempo, e necessaria quando
A chuva tem molhado, ou molha os trigos;

E tu, oh guardador, prende ás carretas
Os forçosos novilhos, que he já tempo
De transportar os pães; porêm evita
A força do calor para o transporte,
Pois larga então mais grãos a secca espiga.

Mas já do fertil campo os louros molhos
O lavrador tirou, Ceres o corre
Gostosa de lhe achar curta resteva,
Igual por toda a parte e fornecida.
Vamos agora, oh Nize, ver as eiras
Onde o trigo e cevada estão em medas,
E aonde o lavrador contente espera
O premio e recompensa dos trabalhos.
Sobre o cume de hum monte percorrido
Com cylindro pesado, ou malho forte,
Unido e duro, se debulha o trigo.

Eu não descreverei ora, oh cultores,
Machinas proprias a empregar nas eiras,

Ou seja para o grão despir das valvulas,
Ou para o separar de estranhos corpos.
Novos trabalhos minha Musa esperão,
E de outras producções eu passo, oh Nize,
A narrar-te as vantajens e a cultura.

CANTO II.

Não são os altos muros das cidades,
As arcadas, os porticos, os templos,
Os palacios dos grandes, que pintar-te
Vai, oh Nize adorada, a Musa minha.
Altos colossos de tropheos ornados,
Erguidos obeliscos, de que inda hoje
Se gloreia o Egypto, do meu canto
O assumpto não serão. Pintar-te eu quero
Do singelo cultor modesto asylo,
Qual elle deve ser, simples, alegre
E proprio ao util fim de seus trabalhos.

Traçar-te vou os commodos apriscos,
Os sadîos curraes, os bons celleiros,
A adega, onde de Baccho os succos fervem,
Os lagares aonde espuma o mosto,
E os que a azeitona com esfôrço espremem:
E ao agradavel misturando o util,
Farei que flores mil em torno cresção,
Fructos de alto valor, fresca verdura,
Que do colono o asylo aformoseem.

Quando os homens errantes, como as feras,
Dos fructos do carvalho se nutrião;
Quando, de hum arco e settas sempre armados,
Vivião de seguir pelas montanhas
As indomitas feras, ou co' as redes
As aves em ciladas apanhavão,
As grutas, as cavernas contra as chuvas,
Contra os ventos crueis e contra as neves
Erão o seu abrigo; sem cuidado
Sobre o futuro, á nutrição de hum dia

Votavão d'esse dia o só trabalho.

ERRANTES na extensão dos frescos prados,
Mais pacificos sob as leves tendas,
Os primeiros pastores se abrigárão,
Sem ter fixa a morada, o tempo, os pastos;
O int'resse dos rebanhos tão sómente
Os movia a acampar e a retirar-se.

O cultor, obrigado a viver sempre
Junto ao solo que arára, a defender-se
Do rigor da estação, e a pôr seguras
Das injurias do ar provisões ganhas
Com fadiga e suor, foi o primeiro
Que levantou asylo permanente.
Fixando em terra despojados troncos,
Enlaçando-os com mais flexiveis ramos,
Huma cabana ergueo, aonde o colmo
Cobrio filhos e esposa : ás mesmas rezes
Hum abrigo erigio; mas bem depressa

A chuva, o vento, o tempo inexoravel
A fraca habitação lançou por terra.

Desde então os humanos trabalhárão
Em cimentar com massas pegajosas
As duras pedras, em formar paredes
E mais firmes asylos; finalmente
Em as obras compôr de architectura,
Aos trabalhos ruraes indispensaveis.

Tracemos, Musa minha, pois que o tempo
Já aos homens mostrou de que maneira
Deve o asylo seu ser fabricado,
Tracemos da morada dos cultores
Quaes devão ser a exposição e as partes.

De risonha collina em branda encosta;
De Naiades saudaveis refrescada,
Vizinha a hum solo grato aos pomareiros
E grato aos hortelões, onde Pomona

E Vertumno floresção com vantajem,
Ditoso te contempla se podéres
Da tua habitação lançar as bases;
Longe da vizinhança das lagôas,
Fócos de corrupção, que o ar vicião:
Longe dos valles humidos e frios,
Onde hum ar nebuloso pouco a pouco
Da vida diminue o lume escasso,
E o saudavel vigor aos membros tira:
Lugares onde os tristes habitantes
Sobre o pallido rosto impresso trazem
De hum clima ingrato o desastroso cunho:
Onde os fracos mortaes languidos sempre
Não lhes he dado em torno á frugal mesa
Ver assentar-se a prole numerosa,
Honra das cans, e da velhice amparo.
Foje tambem de hum sitio aonde as fontes,
De lympha escassas, no calor do estio
Recusão aos rebanhos a bebida,
E ás hortas e pomares a frescura.

Exposições se encontrão desabridas,
Que se devem fugir, d'onde lutando
Em viva guerra os indomados ventos,
Parecem desterrar a prole humana.
Alli as tempestades furiosas,
C'os troncos mais robustos investindo,
Os derribão por terra; alli no inverno
Aquilão regelado, que assobia,
Fere, opprime o cultor, offende as rezes
E á morte certa o seu rebanho entrega.

Huma vez escolhido o lugar proprio,
Com methodo começa os teus trabalhos.
De hum pequeno cultor o pobre asylo
Não iguala dos riccos a morada.
Aquelle que pequenos campos ara,
Menor curral precisa e menor tecto,
Menos tendo a cobrir; porêm a ordem,
Boa disposição, util limpeza,
A singela elegancia, necessarias

São tanto á humilde choça dos pastores
Como á morada do colono ricco.
Cada hum proporciona na grandeza
Os edificios seus aos seus trabalhos,
Bem como ás producções das terras suas,
E hum plano regular dirige o todo.

Vê com que ordem a abelha industriosa
De branda cera as cellas organisa,
Com que ordem junto ás limpidas correntes
O castor seus asylos edifica,
Com que cuidado as aves amorosas
Para os filhinhos tecem fofo ninho
Entre os ramos das arvores copadas,
E no seio da terra as providentes
Formigas o sustento depositão
Em ordenadas covas resguardado.

Quanto folgo de ver os louros trigos,
Producto da cultura cuidadosa,

Em hum limpo celleiro recolhidos;
Pelo ar conservada ao grão de Ceres
Seccura e fresquidão, com que elle folga;
Bem construidos, branqueados muros,
Ao rato roubador impenetraveis,
Onde fendas não ha em que se abriguem
Os malignos insectos roedores;
De finas redes de tecido arame
As pequenas janellas guarnecidas,
Com caixilho int'rior de rala têa
Que vedar possa á borboleta a entrada.
Se alli por varios tubos, té ao meio
Do grão amontoado, o ar circula,
Em perfeição guardados largos annos
Os trigos podem ser, sem que os ataquem
Funestos males que lhes poupa a industria,
A industria mãi fecunda das riquezas.

Quantas vezes colheitas abundantes
De trigos e cevadas, que aos cultores

Dera hum terreno grato e generoso,
Quantas, tenros legumes preciosos,
Producto de fadigas e trabalhos,
São a preza do rato malfazejo,
Chegão a corromper-se, ou devorados
N'hum momento se vêm por mil insectos:
Do incauto colono penas justas!
Oh quanto irrita o Ceo fatal descuido,
Que entrega á corrupção, que perder deixa
Bens ao sustento humano destinados!
Oh quantas vidas da miseria ás garras
Poderião roubar sómente as perdas,
Que a van preguiça causa aos lavradores!

Do teu suor o premio, o dom dos Numes
Não exponhas por tanto a aniquilar-se;
Mas segundo os teus meios ergue ao lado
Do tecto, aonde habitas, hum celleiro,
Em que segura tenhas a abundancia.
Dos palheiros alli tambem levanta

O reparado abrigo, aonde aquelle
Que attentamente cuida de seus gados,
Provisão guardará de palha e fenos,
Sustento necessario, e mais que todos,
Ao boi, como ao cavallo proveitoso.
D'alli tambem defende com cuidado
A entrada ao rato, que de hum cheiro impuro
Infecta as provisões que não consome,
E aos malignos insectos, que macullão,
Det'riorão dos gados o sustento.
Circule o ar tambem por entre os fenos,
Para que fermentando não se accendão,
Ou percão o sabor ás rezes grato.

Para evitar fadigas e transportes,
Sob os palheiros os curraes collocão
Os próvidos agricolas, e ás grades
Fazem por alçapões baixar os fenos;
Mas para conservar aos uteis gados
A robustez, vigor, saúde e força

Faze-lhes respirar huma aura pura,
Praticando aberturas nas paredes
E cobrindo-as com panos, que no estio
Os animaes abriguem das picadas
Dos alados insectos importunos.
Alli aos lassos brutos, que repousão,
Espalhados retraços leitos formão,
E mal que a fermentar estão dispostos,
Passão ás covas, d'onde convertidos
Sahem em gordo adubo para os campos.
Desta arte o lavrador de si em torno
Os edificios ergue necessarios,
Para que possa a todos facilmente
Seu cuidado estender e vigiá-los.

Qual abelha rainha em torno á cella
Espaçosa e real, manda se formem
Por toda a parte os bem dispostos favos,
E d'alli rege o povo industrioso

Nos diversos empregos e trabalhos:
Em quanto parte, volitando ao longe,
Extrahe o succo das cheirosas flores,
Parte prepara o mel e a cera branda:
Humas da nova prole attentas cuidão,
Ou mortos corpos do cortiço lanção,
E o resto, contra os zangãos conspirado,
Da colonia extermina hum fardo inutil:
Tal, digo, o lavrador dos seus cercado,
Providente os trabalhos distribue,
Banindo o ocio da industria imigo.
Alem faz conduzir o mato ás covas,
E ás rezes estender hum novo leito;
Aqui faz padejar de hum lado ao outro
O trigo no celleiro amontoado;
Humas vezes percorre os seus palheiros,
E reparar os faz das frias aguas;
Outras, manda abrigar do tempo iroso
Os uteis instrumentos, que descansão.

Porém cauto, dos varios edificios
Em isolar cogita as varias partes,
A fim de prevenir do incendio o estrago.
Une da natureza a simples graça
Com as obras da arte. Oh quanto he doce
Aos olhos, descansar sobre a verdura
Das arvores viçosas, que interrompem
Aqui e alli os muros branqueados!
Quanto agradavel a frescura e sombra
Das verdes copas no calor do estio,
Quando de hum puro gaz os ares enchem,
E huma aura impura (16) próvidas embebem;
Na primavera mil fragrantes flores
Ver pender em festões; no outono os fructos,
Gratos ao paladar, colher nos ramos;
Attrahidos das arvores co' a sombra
Os mimosos cantores das florestas
Vem alli fabricar os brandos ninhos,
E mil concertos variados soltão
Em torno á casa, que o cultor habita.

Por isso he que elle esplana contra os muros
Dos edificios seus diversos troncos,
Com o junco e c'o vime subjugados;
Ou seja o delicado pecegueiro,
Ou seja o damasqueiro, ou a gingeira,
A pereira no inverno preciosa,
O limoeiro, a limeira, que se adorna
De saborosos, odorantes fructos,
A vide, de que pendem doces cachos.

He n'hum asylo tal, oh Nize amada,
Que vê na doce paz correr seus dias
O que isento do ocio e van cubiça,
Faz do trato rural o seu estudo.
Os primeiros humanos imitando,
Cultiva cuidadoso a terra grata;
Se lhe lembra deitar-se á fresca sombra
De frondoso carvalho sobre a relva,
Os rios brandamente murmurando,
As aves descantando nas florestas,

Tudo o convida a socegados somnos.
Se não queima a seus pés a dependencia
Da lisonja o incenso, se o não cercão
As pompas e as grandezas, ao seu lado,
Habita a doce paz, vive a abundancia.

Do diurno trabalho fatigado,
Folga de ver ao descahir da tarde
O pastor, que tocando a doce avena
As ovelhas conduz; no cheio tarro
Aquelle lhe apresenta o branco leite,
E a esposa os niveos queijos e a coalhada.
Mais tarde os lentos bois trazendo assomão
Reclinada a charrua ao jugo presa;
Mugindo alem as vaccas criadoras,
Dos novilhos seguidas apparecem,
Que exp'rimentando as inda tenues forças,
Huns c'os outros em luta já se ensaião;
Os rafeiros c'o gado, que preservão
Do lobo roubador, no pateo entrando,

Lhe vem as mãos lamber, e em torno saltão.

Hum recreio innocente finda e c'roa
As horas destinadas ao trabalho;
Depois de recolher as mansas rezes,
O guardador, ao som das tesas cordas,
Cantando dansa em gyros co' as pastoras.
'Em tanto a par da esposa, rodeado
Dos tenros filhos, lavrador ditoso
Ensinando-lhes vai co' proprio exemplo,
Linguagem expressiva, a limitarem
Os desejos a gozos innocentes,
A desprezar o orgulho, a ambição louca,
Oppostos sempre á solida ventura.

Não de outra sorte, quando ao som sublime
Das lyras de ouro, os transportados vates
Da prisca idade a dita descrevêrão,
Os quadros seus ornou de vivas côres
O pincel eloquente da verdade.

Hum tempo houve feliz em que as augustas
Mãos dos Monarcas, empunhando a esteva,
Em doce paz o proprio campo arárão;
Sem mais guarda que a estima de seus povos,
Sem mais bens que a virtude e o seu trabalho,
Era o publico bem, o bem da patria,
A dita só, a gloria a que aspiravão.

Mas de todo mudou da terra a face,
Mal que a soberba com maligno influxo,
Aos delictos no mundo abrio entrada.
Desde então, huns dos outros inimigos,
Os animaes a terra ensanguentárão;
Roubou o lobo as miseras ovelhas;
O açor empolgou a rola fraca;
Contra o açor a aguia a garra adunca
De improviso lançou, e o leão fero
Nos outros animaes cahio faminto.
Silvárão pelo campo horriveis serpes,
Destillando mortiferos venenos.

Desde então se fechou da terra o seio,
E em vez de fructos produzio abrolhos.
Os rios, das barreiras triumphando,
As miseras campinas alagárão;
Envolveo-se de luto o firmamento;
Rebramárão trovões; ardentes raios
Fulminárão os troncos, e tremendo,
Chammas de si lançou a propria terra.

Forçoso foi então, que os mesmos homens
Com armas huns dos outros se guardassem;
Foi forçoso cingir de espinhos duros
As proprias possessões; em toda a parte
Se leo o *meù* e o *teu*, e em toda a parte
Do meu e teu perversos inimigos
Surgîrão á porfia; a dura força
Da Justiça na mão tomou a espada.

Volveo do tempo a lutuosa roda,
Mais e mais as desgraças se augmentárão.

Lá do seio do norte congelado
Barbaras hostes, inundando a Europa,
Toda a gloria em fereza convertêrão.
Vîrão-se, oh magoa! miseros escravos
Os tristes cidadões livres outr'ora;
Cobrio Marte de horror os ferteis campos;
De guerreiro apparato rodeadas
As antigas moradas dos colonos
Em formidaveis torres se tornárão;
Perecêrão as artes agradaveis;
As artes uteis igual fim tiverão;
Os colonos vendidos como os gados
As terras para os Barbaros lavrárão;
A cultura pasmou, morreo a industria.

Eu mesmo, eu mesmo a vi, horrida imagem
De tempos infelizes! vi a espada
Nas mãos da guerra desolar os campos,
Fugir o camponez do pobre asylo
Por inimigos braços despojado.

Vi a fome cruel. Vi.... mas que horrores
Te pinto, oh Nize! he tempo em que deixando
Tristes scenas, que o Ceo punindo crimes,
Ao mundo apresentou, retome a avena,
E voltando ao assumpto que deixára,
Os celleiros de Baccho te descreva.

De Phebo o ardente olhar, que os louros cachos
Assucarados torna e preciosos,
Quando ainda pendentes da videira
De pampanos viçosos se coroão,
He ao licor das uvas espremido
De hum effeito fatal; milhões de vezes
Hum vinho, que sem pejo se off'recêra
Do divinal Olympo a par do nectar,
Em hum lugar exposto á calma ardente,
Em azedo vinagre se converte.

De Naxo nas montanhas, que povôão
Por toda a parte verdejantes cepas,

Huma gruta se vê de toscas penhas;
De hum lado e outro crystallinas fontes,
Brandamente sahindo de entre as lapas
Sussurrão com doçura; as lentas vides
De Apóllo aos raios com viçosas folhas
A entrada impedem, e subindo ao cume
Dos alamos frondosos que a guarnecem,
Pendem em mil festões por toda a parte.
Huma relva mimosa e sempre verde,
De varias, lindas flores esmaltada,
Lhe forma o pavimento: alli da calma
Jámais penetra a força, hum ar suave
De continuo temp'rado se respira
Entre as heras, que a par das negras bagas
Mostrão lustrosas folhas sempre-verdes.
No mais profundo d'este fresco asylo
Guarda o ebrio Sileno o doce mosto,
Seu amor, seu desvelo e seu cuidado.
Esculpidas estão na penedia
As insignes victorias do Thebano,

Quando tirado por malhados tigres,
Entre o bando das fervidas Bacchantes,
A Asia sujeitou, e em vez de lança
Na dextra maneava hum verde thyrso.
Vão após o seu carro foliando
Os Satyros galhudos e os caprinos
Faunos de verdes heras enramados.
Cem amphoras, que ainda aroma exhalão,
Cem torneados vasos e cem pelles
Pela gruta esparzidas se devisão.
Imitemos Sileno em seus cuidados;
Seja o seio da terra quem resguarde
Os succos, que nutrira a superficie.

Huma adega na terra sepultada
Conserva em todo o tempo util frescura.
As melhores madeiras alli formem,
Pelas cintas de ferro subjugadas,
Capazes vasos, que o licor contenhão.
Alli as selhas, dornas, quartos, pipas

Devem sempre abundar, e finalmente
Será perfeita adega, em que sahindo
O mosto de hum lagar mais alto que ella,
Por canaes aos toneis he conduzido.

Sob a pressão de fortes parafusos,
Da uva escorra o sumo assucarado,
E fermente nas cubas sempre limpas
O rubido licor de roxos cachos.
Da cava no mais fundo em transparentes
Botelhas seja posto com cuidado
O bacchico licor que a rolha fecha,
E co' lapso do tempo se melhora.

Assim para apurar os dons de Evous
Forme o habil cultor as officinas
Junto do tecto seu; assim eleve
Solicito almazens, em que recolha
Da arvore de Pallas a colheita.
Mas nas margens de hum rio, ou de hum regato

Aproveitando da agua util esforço,
Forme o lagar, aonde as fortes galgas
Esmaguem a azeitona, e onde a imprensa
O oleo precioso d'ella tire.
Porêm empregue aqui todo o cuidado,
E sem poupar trabalhos nem fadigas,
Huma officina tal limpa conserve.
Mas he já tempo, oh Nize, que deixemos
Do agricola a morada, e sobre as azas
Da minha Musa, que incessante vôa,
Vem o terreno ver que em torno a cerca.

Alli verás primeiro em canaes varios
A lympha em tortos regos serpejando,
Os lagos procurar, onde pintada
A abobada celeste se devisa,
D' onde de Phebo os reflectidos raios
A cem partes divagão inconstantes,
E d' alli sabiamente repartida
Levar por toda a parte util frescura,

Matando a sede ás sequiosas plantas.

Verás não longe as esplanadas arvores
Com symmetricos ramos revestindo
Os muros d'esta sorte embelezados.
N'outra parte, deixados á natura,
Verás os troncos de sombrios bosques,
Que, elevando-se ás nuvens, alardêão
A natural belleza e liberdade.
Alli terás na fresca primavera
Das flores variadas a fragrancia,
Sombra e frescura no calmoso estio,
E no outono, no vime entrelaçado
Os fructos colherás de mil sabores.

Alli a triumphante mão da arte
Fará criar no marmeleiro acerbo
A pera saborosa; a amendoeira
Nutrirá com seu succo os grossos pomos
Do pecegueiro e as rosadas flores;

Pondo de parte o abrunheiro agreste
A selvagem fereza, presta os succos
Á branca, ou rubra ameixa delicada:
E conservando a robustez antiga,
Docil ás mãos da arte, ufano brilha
Dos adoptivos fructos carregado.

Exulta o pomareiro, que mettendo
Em hum tronco selvagem, que rachára,
De hum cultivado ramo huma vergontea,
A casca unindo á casca, o lenho ao lenho,
Ou na fendida pelle introduzindo
A fechada borbulha, ou finalmente
C'o habito ext'rior de hum fertil ramo
Outro ramo vestindo agreste e forte,
Só, com sua arte, uteis prodigios cria.
Tanto pode ampliar os proprios gozos
A industria dos mortaes, quando a exp'riencia,
Mestra das artes, fielmente os guia!

Es tu, sim tu, fecunda natureza,
Que inspiras aos mortaes as varias artes;
Tu que nos densos bosques solitarios
De hum tronco ao outro as braças reuniste
Em natural enxerto, tu que ás vezes
Dás, unindo individuos separados,
A dois diff'rentes lenhos huma copa.
Examinemos pois, oh lavradores,
A marcha pesquizemos da natura,
Que só pode guiar nossos trabalhos:
Economica, sabia e providente
Nada lhe falta, nada fez inutil;
Ao contrario, se a arte presumpçosa,
Transgrede a sua lei, miseria e morte
O castigo serão da audacia sua.
Assim o vegetal, que mão ousada
Da vertical raiz tem despojado,
A pezar dos cuidados, dos desvelos,
Jámais chega a contar extensa vida.
Plantemos pois, oh Nize, os ferteis troncos

Taes quaes a mãi commum propicia os cria;
Para que á sombra delles nossos netos
A mão bemdigão, que formar-lhes soube
Estes docéis copados de verdura,
Estes focos de fructos saborosos.

Plantemos inda no terreno proprio
Cóm ordem cada arvore; de hum lado
As mais fracas se vejão, de outro as fortes;
De hum as que a folha largão, de outro aquellas,
Que possuindo eterna mocidade,
Huma viçosa folha sempre adorna.
Tu vem primeiro, lá da Armenia fructo,
Damasco saboroso, fino e bello,
E nas tuas especies variado,
Occupar hum terreno nutriente,
Leve e fino; jámais cortante ferro
As braças te mutile; em liberdade
Estende em torno a ti fecundos ramos.

Feliz o que enxertando ligneo tronco,
No lugar mesmo em que a semente o dera,
Nesse mesmo lugar seus fructos colhe:
Os seus vindouros bemdirão seu nome,
E o tronco prezarão, que assim criara.
N'um igual solo, oh Nize, plantaremos
Com desvelo o mimoso pecegueiro
Podado attentamente, e contra os muros
Preso com arte em regular figura;
O tronco das vermelhas azarolas
Dará na primavera as lindas flores
Em cachos agradaveis, e no outono
Virão orná-la os agrodoces fructos,
Da gingeira o estio os dons sazona
Como os da cerejeira, e colheremos
As avelans, que dobre casca envolve.

A cerejeira ama o calcario assento,
Assim como a gingeira, e pelo enxerto
Mais que pela semente prompta cresce.

A aveleira em terreno fresco e solto,
Das sementes nascida, dará fructos,
E ás melhores ameixas, aos abrunhos,
Daremos no vergel lugar distincto.

Provendo á estação fria em que cerrados
Os thesouros fecundos de Pomona,
Nem se quer a verdura os vergeis orna,
A maceira de especies variadas
Que se c'roa de doces e agros pomos
Plantaremos nos altos com vantajem.
As diversas pereiras, que alimentão
Fructos em toda a quadra preciosos
E de duração longa, sobre o tronco
Da sua especie de semente vindo,
Ou sobre o marmeleiro enxertaremos;
Arvore docil que obedece á fórma,
Que ao pomareiro agrada, e óra reveste
Seus muros de verdura, ora se eleva
Livremente no ar, e até em leque

Forma paredes de agradaveis ruas.

A figueira creadora de frescura,
O marmeleiro, que fornece os pomos
Á arte do copeiro, e os bellos troncos
Ás enxertias; a arvore a que outróra
De Pyramo tingio o sangue o fructo;
A uva espim, o pirliteiro, a çarça
Emulas brilharão no pomar nosso.
Mas na parte dos ventos abrigada
Ostentará a par das verdes folhas
Os aureos pomos e fragrantes flores
A laranjeira; dos succosos fructos
Se ornará a limeira preciosa,
A par do limoeiro azedo e doce.

Por entre os varios troncos repartida
Murmurará a lympha branda e clara,
Necessaria frescura derramando.
No outono, sabia mão, de inuteis braças

Despojará as arvores, e attenta
Na doce primavera os curtos garfos
Nas fendas metterá dos novos troncos;
Ou nas abertas cascas as borbulhas,
E com o proprio unguento (17) humedecido
As chagas cobrirá das plantas suas.

Tambem as frescas aguas, que dimanão
Da risonha collina, indicar devem
A horta, onde as mimosas hortaliças
Cobrem a terra, e onde a industria e a arte
Se prezão de nutrir succosas plantas,
Da natura os esforços ajudando.
Alli do hortelão mão cuidadosa
Para as aguas reger canteiros forma
Tirados ao cordão, pequenas ruas
Para o transporte dos adubos deixa,
E serviço das plantas. Alli cresce
Repolho tenro, couve delicada,
A branca alface, o nabo turbinado, (18)

Rábão picante, betarraba doce;
Enroscando-se alli pelas latadas
O feijão tem pendente a branda vagem;
Cresce o espinafre, a varia ervilha cresce;
O alho, a cebola sob a terra engrossão;
A verde salsa, o manjericão verde,
O coentro, a tufada pimpinella,
Melancias aquosas, e fragrantes
Melões assucarados, os pepinos,
As abob'ras de especies differentes,
Beringelas, cenoiras, rabanetes,
Os espargos, mastruços, alcachofras
Abundão nos canteiros espalhados.

Nunca alli faltão variadas plantas
Que sustento, ou regalo ao cultor prestem;
A que teme o calor, continuamente
He pelas frias aguas refrescada,
E aquella a quem a neve e o frio assusta,
O hortelão cuidadoso em torno a abriga.

A toda a parte leva o grato adubo
Do pequeno carrinho a leve caixa;
O sacho sem descanso não perdoa
Ás más hervas, que em torno ás plantas nascem.

O cultor, que he de meios abundante,
Para o seu gozo alli as ruas orna
Dos verdes buxos e de murta verde,
Á tesoura cortados, da cheirosa
Baixa alfazema, ou teixo á vista grato,
Do nardo, ou dos arbustos, que mais ama.
O morango estolhoso (19) alli floresce;
A reptante (20) hortelan, a segurelha,
A manjerona, a azeda, a bergamota,
A chicoria no fertil solo crescem;
O tomateiro, o pimentão verdejão
Vaidosos com os fructos purpurinos

Não cantarei, oh Nize, os dons de Flora,
O trato dos jardins, nem o suave

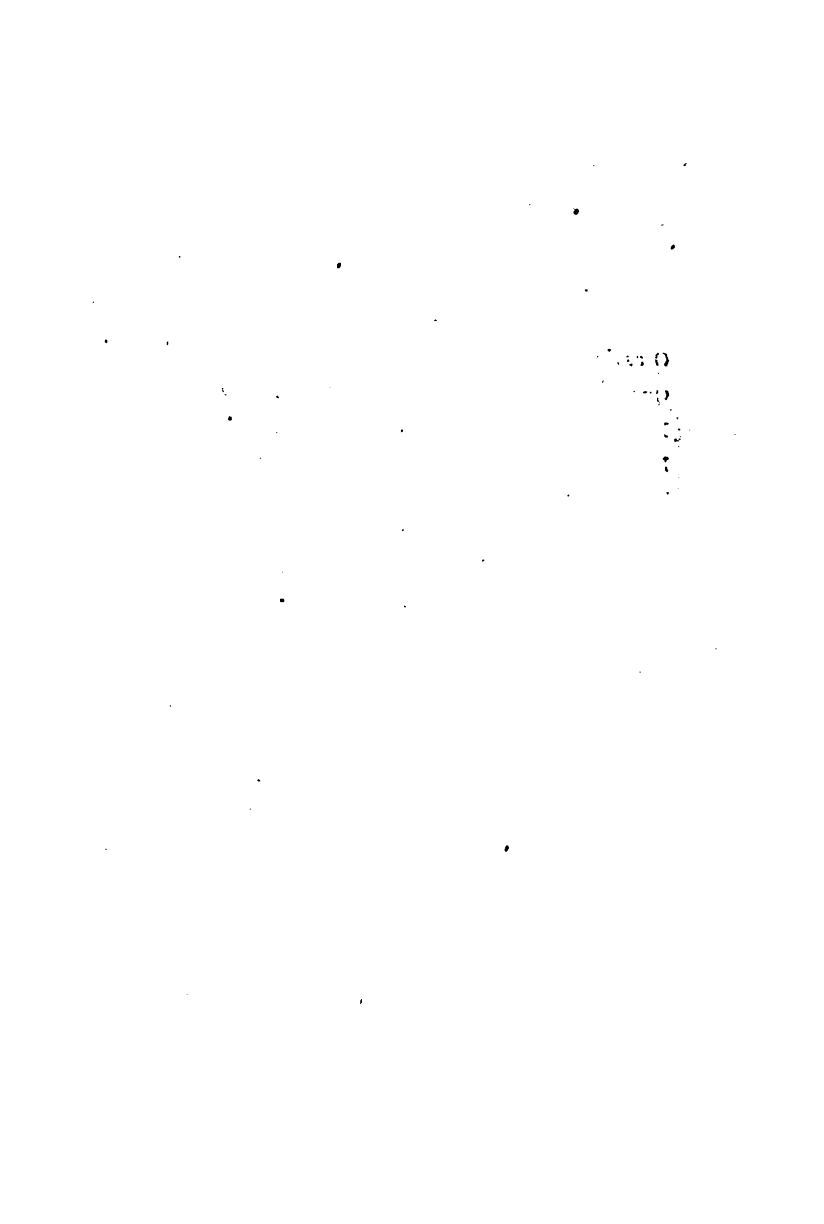
Grato cheiro das flores. Vós, oh Nymphas,
Com ellas enastrai as tranças de ouro;
Com ellas vos ornai em mil grinaldas
Nos dias festivaes, jovens pastores.
Pompas da natureza, vós oh thalamos,
Dos vegetaes amores, vossas graças
Sejão cantadas por mais dignos vates.
Nem porei meu cuidado em descrever-te
As estufas, aonde o vidro encerra
Da zona ardente os saborosos fructos,
Ao gozo do opulento destinados;
Foi assaz liberal para com nosco
De bens a natureza; que outrem busque
Appropriar-se o luxo, que ella em parte
Deo a outros paizes e outros climas.
Mais grosseiros trabalhos e mais uteis
São a nossa partilha, oh lavradores;
E para me adornar a agreste fronte
Que o ar e o sol nos campos tem crestado,
Oh Nize, prézo mais do que as tulipas

A c'roa, que de myrtos me formaste,
Nas verdes balsas por tua mão colhidos.

Não deixarei porêm no esquecimento
As tenras aves, que o cultor sustenta,
E que a habitação sua embelezando
Seu pequeno cuidado recompensão.
Companheiras do agricola, o meu canto
Vinde agora escutar, vós a quem cabem
Os trabalhos domesticos em sorte.
Attentas vigiai dos brancos ovos
A lenta incubação, e aos tenros pintos
Distribui a varia alimpadura
Que no crivo passou, ou o quebrado
Grão do milho; ás gallinhas, e aos nadantes
Alvos patos, as hervas, e maos fructos
Cozidos preparai, como aos vaidosos
Gordos perús, na infancia delicados;
O vizinho pombal de Cypria as aves
Co' a tenra prole sem cessar povoem;

Gozem todas no abrigo co' a limpeza
De hum trato regular, de huma aura pura.

Tenho-te, oh Nize minha, desenhado
O asylo do cultor. He tempo agora,
Que hum momento de parte os pinceis pondo,
Interrompa o trabalho e deixe a avena;
Hum vasto campo inda a correr me resta,
Mas se hum só olhar teu me recompensa,
Não temas, Nize, de correr que eu canse.



CANTO III.

Deixemos, minha Nize, o ledo asylo
Do ditoso colono, abandonemos
As plantas annuaes e os seus trabalhos;
Deixemos as lavouras repetidas
De que o trigo carece; pois ferindo
Pallas a terra, de seu seio eleva
Os pacificos ramos a oliveira.
Oh arvore infeliz, ricco thesouro
Do ingrato lavrador dos Lusos campos,
Já começo a cantar-te, e em teu soccorro
Vou chamar a razão, e levantá-la
Sobre as azas da simples harmonia.

8

Tu, Deosa das sciencias e das artes,
Ora a cantar me ajuda o teu triumpho,
O tronco, que venceo com seus thesouros,
O soberbo animal, que o Deos das ondas
Qual hum raio sahir fez do oceano,
Soltas ao ar as ondeadas clinas,
Erguido o collo, e chammas respirando.

Ouvi-me, oh lavrador, deponde os erros
Que a antiga usança sem cessar consagra;
A mão calosa do severo tempo
Erige em leis os mais crueis abusos,
E o vulgo respeitoso abate a fronte
Perante os erros da remota idade.

Lá nos incultos solitarios campos,
Onde não entra da charrua o ferro,
Filho da natureza e d'ella alumno,
Se reproduz o forte zambujeiro;
Nascido da semente derramada

Em hum terreno proprio, té ás bordas
Do negro abysmo a longa raiz lança
Vertical e robusta; d'esta sahem
Forçosos ramos, que o terreno ao longe
Rompendo abração, adornados sempre
De nutrientes capillares (21) tenues:
Tardo em crescer, na duração parece
Rival da eternidade; alçando a fronte,
Zomba do vento, ri das tempestades,
E de folhas se cobre verdejantes.
A profunda raiz, que em terra desce,
O sustenta e vigora; quando a culta
Oliveira, provinda já dos ramos,
Já das raizes, he mais fraca e debil,
Teme o rijo aquilão, teme as procellas,
E do tempo não zomba tão vaidosa.

Tu pois, a quem propicia amiga sorte
Deo de taes troncos em partilha a copia,
Com mão impía a terra não despojes

D'este thesouro; mas cortando os ramos,
O caule (22) poupa, e inserindo n'elle
Novas vergonteas, hum olival preza
De todos o melhor e o mais robusto.

Oh! quanto folgarião nossos netos,
Se em alinhados renques, pelas terras,
Para seu bem, lançassemos prudentes
D'azeitona os caroços! Se imitando
Das aves a lição (23), em largas dornas
C'o pingue adubo e co'a arenosa terra
Accelerando a força germinante,
Vencesse a arte a tarda natureza;
E co' a cultura hum olival surgisse
De robustez, de duração eterna!

Porêm, depois que a industria e que os cuidados
Dos próvidos mortaes aos campos cultos,
Aos terrenos movidos e adubados
Trouxerão a oliveira, esta apresenta

Hum numero de especies segundarias
Distinctas e diversas; humas lanção
Mais cedo á flor, mais cedo de seus ramos
Maduro pende o fructo; em quanto as outras
Mais tardas, com aquellas não florescem
Nem fructificão; n'uma parte ostenta
Brilhante negro o fructo, n'outra a fina
Pelle, que o cerca, hum verde claro mostra;
Ou tem os fructos côr avermelhada,
Diversos na grandeza e qualidade,
Nas fórmas, e nas côres. A humas d'ellas
Hum solo convem mais e mais hum clima;
Ou seja que os abrigos as mais tenras
Mais perfeitos exijão; ou que ainda
Os principios que a seve lhes fornece
De cada especie á criação convenhão
Diversamente. Oh quanto útil seria
Que o lavrador a especie conhecesse,
Que prospéra melhor no seu terreno,
E que hum mesmo olival fosse habitado

Por individuos de huma mesma especie!
Seria então igual em tudo o trato,
A floresecencia igual, igual colheita,
E o fructo, a hum mesmo tempo amadurando,
Por igual fornecêra hum puro azeite.

Sem attenção jámais prosperar pode
Trabalho humano; da razão dotado
Estuda, oh lavrador, observa e pensa.
Porêm envolta em condensadas nuvens,
E cercada de horrenda escuridade
Triste ignorancia habita em nossos campos.
Jazem na indolencia sepultados,
Entregues ou ao ocio, ou aos prazeres,
No luxo consumindo os opulentos
Os bens, que o lavrador com suor ganha.
De telas de ouro os aposentos cobre
O habitante inutil das cidades,
E hum triste colmo mal do tempo abriga
Do pobre lavrador a humilde choça.

Nada desperta, nada anima a industria.
Na miseria e desprezo abandonado
O lavrador prosegue na ignorancia,
E movido sómente pela força
De hum triste necessario, sem desvelo,
Como o pai cultivou, cultiva o filho.

Funestos erros! Deperece em tanto
A oliveira tarda em crescimento;
Cobre o mato os terrenos mais fecundos;
No fertil valle o junco esteril cresce;
Despovoão-se as miseras aldêas,
E exhaurida a nação, vê sem recurso
Faltar-lhe a força, e qual o corpo enfermo,
A quem fatal molestia entorpecêra,
Cahe sem vigor, e apenas com trabalho
Sobre a terra se arrasta: assim privada
Do espirito vital da agricultura,
A sociedade languida, perdida
A energia e a força, off'rece o collo

Ao jugo alheio, que evitar não soube;
Ou compra com torrentes de seu sangue
Aquella independencia, que podera
Com pacifica industria ter guardado.

Dos humanos a solida riqueza
Não jaz do Potosi no metal fulvo,
Nem na perola indía, ou mexicana,
Nem no diamante de que abunda o Ganges;
Mas venturoso he sim aquelle Estado
Ricco de braços, de provisões ricco,
Aonde a fouce nas searas cansa,
E que dos bens reaes que nutre e cria,
Ao longe vai levar a extrema copia.
Porem té onde, oh Musa, o vôo elevas?
Ah! deixa o campo azul, que altiva fendes,
A mais expertos vates; volve aos bosques,
Faze outra vez ouvir do fertil tronco
De Minerva qual seja o proprio trato.

A próvida natura, comparando
A vida do cultor, c' o crescimento
Moroso da oliveira semeada,
Quiz que a mão que plantou, guardar podesse
A esp'rança de colher hum dia os fructos,
E á arvore pacifica mil meios
Deo de reproducção, deixando á industria
Livre entre elles a escolha. Já na terra
São as braças mettidas, e vegetão,
Crião raizes, desenvolvem folhas,
Mais que tudo se a braça, que he plantada,
Se eleva muito pouco sobre a terra;
Já se plantão os nós proeminentes
Cortados das raizes; delles brotão
Bastas vergonteas, entre as quaes escolhe
O próvido cultor a que he mais bella;
Já da casca, que esconde as cicatrizes
Dos rebentões cortados, se aproveita,
E mettendo-a no solo, vê com gosto
A arvore crescer; ou já protege

Contra o dente do gado as tenras hastes,
Que brotão da raiz ligada ao tronco.

Porém, filhas da arte, he só com arte
Que podem prosperar aquellas plantas.
E se a grande oliveira teme o sopro
Do aquilo gelador, com maior causa
O teme a joven arvore, que apenas
Tem lançado raiz. Hum tronco herbaceo (24)
He ao principio o seu: fraca e delgada
Precisa de attençoẽs e de desvelos.
Hum terreno fecundo, solto e leve,
Que mantem o calor co'a arêa fulva,
E aonde possão crystallinas aguas
A frescura levar de quando em quando,
Ao viveiro convem. Alli plantados
Os novos ramos, a crescer começão
Do colono as futuras esperanças.

Vos, oh Dryades tenras, que ligadas

Aos novos troncos, receais seu dano,
Ah protegei-os contra as neves frias!
Inspirai ao cultor que abrigue as plantas,
Que o terreno lhes mova, que apertárão
As torrentes das nuvens despedidas.
Benigna Pallas, tu, do lugar onde
Se educa o tronco, que adoptaste outróra,
Para bem dos mortaes benigna afasta
O dente roedor do voraz gado;
Faze cingir de balsas espinhosas
O viveiro precioso, e lá do Olympo
Protege dos colonos os trabalhos.

E tu, grato dos numes aos favores,
Assiduas attenções, colono, emprega;
Se da raiz plantada, juntamente
Brotão diversos ramos, pouco a pouco
Cuidadoso os supprime; olhando attento
Que o numero excessivo jámais roube
A seve ao que algum dia irá dos campos

Povoar a extensão : e ao mesmo tempo
Alguns conserva, que tolhendo o excesso
Dos succos no maior, o mal lhe poupem
De hum prematuro augmento, até que o tempo
Lhe dê a firme e lignea consistencia.
Não tenhas pois desejo perigoso
De ver em breve os troncos elevados,
Mas espera pacifico, e retira
Os baixos rebentões, quando o mais alto
De todo a mão te encher com que o abraças.

Quando a planta, a final, houver chegado
A huma grossura propria, então desponta
A guia vertical, para que a seve
Aos lados volva, e vá formar os ramos.
Supprime então de todo as mais vergonteas,
Roubadoras de succos; bem depressa
Ramos e tronco á proporção chegados,
A infancia terminou da arvore tua:
He tempo que ella passe aos largos campos,

E que nelles te pague em riccos fructos
Os assiduos cuidados que lhe deste.

À oliveira vegeta em todo o solo;
Em extremo vivaz, só se arrecêa
Do frio gelador; he pois o abrigo
Conveniente ao campo onde a plantares.
Sobre o cume escarpado de altos serros
Onde o frigido vento assopra as neves,
Por mais grato e melhor que seja o solo,
Jámais se elevará verde oliveira.

Rivais do Atlante, vós erguidos montes,
Desabridas montanhas, que vizinhas
Ás densas nuvens provocais os raios,
Ornai as frontes, onde abunda a neve,
De altos pinheiros de robustas copas;
Que Pallas, inimiga da aspereza,
Procura cuidadosa hum doce abrigo,
E seus dons alardêa com desvelo

Em hum lugar temp'rado, em solo leve,
Nem humido em excesso, nem ventoso.

Vós, oh campos, que regão mansamente
Do patrio Tejo as aguas abundantes,
Quão prodiga vos foi de seus thesouros
A benefica Pallas! mas a incuria,
A fatal ignorancia, o abandono
Da cultura das arvores, chamando
A colera dos ceos, vestio de luto
Os ramos n'outro tempo productivos.
Semelhantes aos bosques do Cocyto
De verdenegros horridos cyprestes,
Tornão-se os olivaes, e os lavradores,
Perdida a esp'rança da colheita ricca,
Do ceo se queixão, e á natura imputão
Hum mal, de que são causa em grande parte.

Tu pois, que tens a esp'rança em teus viveiros,
Segura a torna, consultando a arte,

Quando a arvore nova em terra plantas.
Mal que do campo as messes preciosas,
Das eiras recolheres, dês que a terra
Humida assaz não resistir qual pedra
Ao ferro que a penetra, as covas abre,
Que devem receber as novas plantas.
Por longo tempo abertas as conserva
Antes da plantação, para que os raios
De Phebo a parte interna lhes melhorem,
E a si chamando a terra os elementos
Espalhados no ar e aeriformes,
Combinada com elles, productiva,
Nutriente se torne em vez de esteril.

No diaphano manto, que rodêa
Do globo a superficie, varios gazes
Distinctos vagão, que hum composto formão.
Alli existe o oxygeneo puro, (25)
Que alenta a combustão, e a vida alenta;
Alli o nitrogeneo azote (26) impuro

Inimigo da luz e autor da morte;
Producto das materias decompostas
O carbonico ar (27) nocivo habita,
E o ligeiro hydrogeneo (28) ao alto sobe.
Alli se estende a luz em rectos raios,
De côres os objectos adornando,
E o calorico, agente da natura (29),
Igualmente circula na atmosphera.

Envolta em hum véo tal existe a terra,
De varios elementos combinada,
Que a si appropriando ares diversos,
Roubados á atmosphera, que ella toca,
Varios compostos forma, e de mil modos
A bem dos vegetaes se modifica.
Por isso do terreno a inf'rior parte,
Em quanto os raios não tocou do dia,
Nem a massa diaphana dos ares,
Jámais as plantas nutre, antes ingrata
Os principios da vida aos troncos nega,

Mas se he preciso abrir com tempo as covas,
He preciso tambem não ser escasso
Com a grandeza sua. Sim, ditoso,
Inda outra vez o digo, sim, ditoso
O tronco, que encontrou entrada facil
Nas entranhas da terra, e que plantado
Em terreno movido, pode ao longe
Raizes estender sem muito esforço.

Mas sobre tudo, próvidos agricolas,
As covas espaçai, deixai aos ramos
Lugar em que se estendão, sem que formem
Pela sua união espessa sombra,
Concentrando a humidade no terreno,
E vedando do sól o quente raio;
De si proprios tornando-se inimigos,
Assassinando a si, e aos que os rodêão.

Não calcules o numero, mas antes
A perfeição das arvores, e alegre

O olival correrás, quando dos ramos
Te off'recer a oliveira, curva ao peso,
Os grossos feitos bagos abundantes.

Tu, oh sabia Minerva, agora dize
Em que estação convenha ser mudada
Do viveiro a oliveira para os campos,
Tu, dize o tempo, tu ensina o modo.
A Pallas escutai ora, oh cultores.

Bem que plantada a arvore vegete
Em qualquer estação, do frio inverno
O sopro gelador, nem os ardores
Devorantes do estio a favorecem.
De huma vida inda debil nos começos,
Carecendo criar raiz e ramos,
He do tempo o rigor nocivo á planta.

Quando o sol chega á Libra e manda á terra
Do doce outono os temperados dias:

Quando Baccho dos ramos da videira
Faz os cachos pender de côres varias,
E Pomona os vergeis de fructos c'roa:
Ou quando Flora espalha pelos campos
Do candido regaço as frescas flores,
E a verde prisão sua abrindo a rosa,
Pudibunda convida o sopro grato
Dos inconstantes Zephyros lascivos:
Quando as Nymphas dos bosques e as das aguas,
Deixando as grutas, vem tecer no campo
Mil choréas c'os Faunos amorosos:
Então, oh lavrador, então ao solo
Do teu novo olival confia a esp'rança.

Bole o fundo da cova, onde co' a terra
Combine a enxada hum bem cortido adubo;
Se acaso a greda alli em copia existe
Retendo as aguas, de miudos seixos
No mais baixo colloca huma camada.
Sobre o fofo terreno attentamente

Distribue as raizes, que poupadas
Devem ser pela mão, que do viveiro
As arvores arranca. Sempre estranhas
Ao contacto do ar, como á seccura,
Pouco tempo da terra separadas
As raizes conserva, e busca attento,
Ao cobrir d'ellas, evitar os vacuos
Por onde os proprios succos se evaporão,
E nos quaes vão formar o seu retiro
Insectos mil, que as capillares tenras
Atacão, roem da mudada planta.

Eu quizera que acima das raizes
Depois de huma camada de terreno,
Outra de palhas frescas se lançasse,
Para melhor dos succos nutritivos
A sahida vedar, ligar a terra,
Conservando ás raizes a frescura.

Musa, singela Musa, que ao meu lado

À sombra das florestas recostada,
Com o nome de Nize docemente
Fazes ouvir ao echo os sons da frauta;
Musa, a quem derão ser, e a quem conservão
Enlaçados amor e a natureza,
Ah, dobra do meu canto a melodia!
Chegai d'este lugar, vinde oh colonos,
Do meio d'estas arvores frondosas,
Que entre as nuvens a altiva fronte escondem
Do lado d'este arroio crystallino,
Que vem de penha em penha murmurando
E de hum continuo orvalho enchendo as plantas,
Sobre esta verde relva, que matizão
Calyces, (30) e corollas de mil côres,
Por entre as quaes se esquiva caprichosa
A leve borboleta, em quanto activa
Abelha, que sussurra, extrahe seu nectar;
D'este throno singello, que a meu lado
Lhe elevou a natura, vinde ouvî-la;
He sim Cybele, he ella quem vos falla.

Antigos torreões, capiteis, fustes
A fronte como outróra não lhe adornão;
Huma c'roa de flores e de fructos,
De mil tenras folhagens, que tecêrão
As Graças ledas, sobre os seus cabellos
Ao vento soltos, hoje se devisa;
Mollemente na relva reclinada,
Meio apartado o fino véo que a cobre,
Deixa aos olhos mirar seu lindo seio;
Seio fecundo, que alimenta os entes!
Que lindas côres, graças, que figuras,
Que producções aos olhos não descobre
O seio desnudado de Cybele!
Vêde mil animaes, que em torno a cercão,
Cada qual se desvela em ameigá-la,
Ella a todos surri e a todos lança
Carinhosa e suave, o olhar materno.
Mas com que extremo, com que expressão doce
A vós a mãi commum os olhos lança,
A vós, cultores, seus dilectos filhos!

« Ornai cada vez mais, ornai meu seio,
Ella vos clama, que aos cuidados grata
Eu juro sempre ser; para instigar-vos
Á industria e ao cuidado fui eu mesma
Quem o meu seio revesti de abrolhos:
Hoje pois a vós toca, oh filhos caros,
De mais bellos adornos revestir-me.
Ah deixai, deixai erros e phantasmas;
Deixai o luxo, que do orgulho filho,
Me ultraja e me assassina; vãos thesouros
Cessai de procurar, e de arriscar-vos
Aos p'rigos e aos trabalhos por colhê-los;
Em mim, em mim tereis com pouco esforço,
Da riqueza real, dos bens a posse.
No regaço da paz e da abundancia
Eu vos farei viver, grata aos desvelos
Que praticardes sem cessar comigo. »

Sim, cultores, Cybele assim vos brada.
Avante, avante, que eu já vejo ao longe

A charrua virando em torno aos troncos
Da oliveira o terreno, e d'este modo
Dobrando a producção. Alem unidas
Ceres e Pallas hum terreno habitão;
E em quanto aquella a espiga amadurece,
Esta risonha vai limpando as flores.

Longe dos olivaes, sim longe fuja
A casta Protectora das florestas,
Que se apraz nos terrenos sem cultura.
Não ache no olival movido sempre,
Hum refugio o coelho, que entre o mato
Pode o tiro evitar dos caçadores;
Nem a lebre, que a traz os vôos deixa
Do alipede galgo, aqui se esconda.

Em torno ás covas onde a planta cresce,
Cuidadosos lançai no outono o adubo,
A fim de que do inverno as frias aguas
D'elle impregnem a terra, e cubiçosas

As radiculas finas colher possão
Da seve os elementos. Já frondosa
Vejo erguer-se a oliveira nas campinas;
Formão matiz as folhas alvo-verdes
Co' a verde varia côr dos arvoredos,
E as ternas aves mil amantes hymnos
Envião té ao ceo d'entre os seus ramos.

Frondoso louro, consagrado ás c'roas
Dos heroes e dos vates, tu altivo
Tronco de Jove, de que outr'ora os ramos
Olympicos triumphos premiavão,
E vós, oh cedros, esplendor do Libano,
Curvai as flechas, que affrontando as nuvens
Ergueis até ao ceo, e reverentes
Adorai a oliveira, que em partilha
A utilidade tem, e a excelsa gloria
De ornar a mão da paz nos Ceos nascida.

Porém, que vejo? apenas chega o tempo

De decotar os ramos; ignorante
Rustico sem piedade sobe ao tronco,
Vibra o rijo podão, e prostra as braças
Da arvore infeliz. Em pouco tempo
Cobrem o chão os ramos, largas chagás,
Tyrannas incisões do tronco as veias
Ás injurias expõem do iroso vento.
De voz privada a miseravel planta
Lamentar-se não sabe; mas sem forças,
Dilacerada, rota e esvaida,
Languida cahir deixa as murchas folhas,
E em vez da producção em que abundava,
Em conservar-se contra hum trato duro,
E em reparar-se os succos empregando,
Recusa o ricco fructo, e curta vida,
Que mais longa esperava, infeliz conta.

Pelas excavações da rota casca,
Pelas fendas dos estalados ramos
A seve se corrompe e se extravasa;

Penetra a chuva, a neve se insinua;
Succede a corrupção, as fibras seccão,
Os delgados canaes, que a natureza
Para circulação dos vitaes succos
Por toda a parte havia semeado,
Aniquilão-se; alojão-se no lenho
Roedores insectos, sujos vermes.
Mil parasîtas (31) vão roubando as braças;
Tornão-se em fim os troncos cavernosos.
Nas corruptas profundas cavidades
Da arvore infeliz ao dia fogem
O triste noutibó, o mocho triste,
A coruja severa e taciturna,
O alado mamal filho da noute;
Alli se alojão mil reptiz impuros.
Sem base, sem sustento, eis sopra Eolo,
E a arvore quebrada cahe por terra.

Até quando, até quando, oh patria minha,
Te verei na indolencia sepultada?

Até quando huma rustica ignorancia,
Nas mãos tomando da cultura o trato,
Pobres nos tornará e desditosos?

Deixai, oh vós que das sciencias uteis
O dia illuminou, deixai os muros
Das cidades e a luz trazei aos campos.
A idade renovai, feliz idade
Em que o agricultor ganhava altares;
A idade em que pascendo os seus rebanhos
Em doces versos, em canções sublimes
Espalhavão as luzes os pastores;
Em que os heroes de louro coroados,
Arando o proprio campo, descansavão.

Entre tanto a ti só, aos nossos filhos,
Se as doçuras de pai o Ceo me guarda,
Oh Nize minha, votarei meu canto.
Sim por vós, filhos meus, verei hum dia
Estes ruraes preceitos praticados;

Producto caro do vigor dos annos;
Então cheio de cãs e de venturas,
Assentado entre vós, qual cedro antigo
Entre as alegres plantas que o rodeão,
A par da Esposa folgarei de ouvir-vos.
Mas se estas que dictei singelas rimas
A hum só cultor na Patria despertarem,
Meu canto bemdirei, serei ditoso.

Ouvi-me pois de novo, oh lavradores,
As leis cantar, que os campos ferteis tornão,
E da oliveira productiva o trato.
Em vez de derrotar as plantas vossas,
Lhes dareis sabios proveitosos cortes.
Entre as braças que a arvore povoão,
Sabereis distinguir as que viçosas
De folhas e de fructos se guarnecem;
As que enfermas, corruptas, ou privadas
Do contacto do ar, o centro enredão,
Estereis filhas de huma mãi fecunda,

Que o seio maternal sem fructo esgotão:
Prostre o ferro igualmente os mortos ramos;
Procurando com tudo, que entre as braças
Regular equilibrio se conserve,
Para limpar assim as oliveiras
Deve evitar-se o regelado inverno;
Mas logo que modera os seus rigores,
E antes que a primavera a seve mova,
O tempo he proprio a semelhante emprego.

O practico vulgar corta sem tino
Obliqua, horizontal, verticalmente;
Deixa pontas e covas; despedaça
Muitas vezes a casca, e racha o lenho,
Cautelloso ao contrario o experto agricola
Na direcção do tronco alinha o golpe,
C'o ferro o pule, de unguento o cobre;
A natureza grata aos seus cuidados
Produz a casca, e dentro em pouco espaço
A pensada ferida cicatriza.

Se acaso em algum ramo productivo
Da podridão se mostrão os começos,
O ferro logo a parte enferma escava,
E da massa benefica a penetra.

Oh bem haja o colono venturoso
Que aos trabalhos ruraes assim se applica!
Com que doce prazer recolhe os fructos
Das arvores, que a propria mão plantára?
Com que prazer no ardor do quente estio
Das sombras goza, que elle mesmo erguêra?
Aos amigos com gosto apresentando
Do seu trabalho o fructo, de algum modo,
Creador de outros entes, se remonta
Sobre o ser de mortal. Porêm he tempo,
He tempo, oh Nize, de colher o fructo
Da arvore de Pallas. Oh colonos,
Deixai do varejão o brutal uso,
Que a preguiça consagra; com seus golpes
O fructo tenro esmaga, fere os ramos,

Os pimpolhos destroe, que promettião
A futura colheita; sobre a terra
Dispersa as folhas, nutrição e amparo
De novos rebentões que a natureza
Para fructos, ou braças só destina.
Erguei, plantai, activos lavradores,
Leves escadas contra o tronco forte;
Subi, colhei com mão suave os fructos,
E em vez de derrotar a fertil planta,
Poupai os novos bens, que ella vos guarda.

Lança, oh Musa, por terra a tulha immunda,
Triste invenção da ignorancia crassa,
Onde barbaras mãos amontoando
A azeitona, co' apanho macerada,
Nella se atêa com ingente força
Viva fermentação, que sem remedio
O oleo, inda nas drupas (32), contamina.

Oh vós, que das sciencias e das artes

Arais o campo claro e luminoso,
Aos cultores formai machinas proprias
Para a prompta extracção de hum puro azeite.
Vós os aliviai nos seus trabalhos,
Com elles reparti as luzes vossas.
A patria o pede, a humanidade o manda;
E se vós surdos sois ás vozes d'ella
A quem terá recurso a humanidade?

CANTO IV.

JA d' echo em echo mil concertos voão,
Soando alegres hymnos pelos valles;
Agudos sistros, gaitas sibilantes,
Adufes e pandeiros acompanhão
Dos coros foliões as ledas vozes.
Sobre o carro, que toldão cò' a ramagem
As tenras vides e as torcidas heras,
O Deos de Nysa recostado assoma;
Sobre a frente galhuda e prazenteira
De parras lhe tremula huma grinalda:
Nas mãos movendo alegremente hum thyrso,

Olha de quando em quando a linda Ariadna,
Que no carro a par delle recostada,
De hera e vinha tambem cingida a testa,
Com hum meigo surriso lhe responde.
Quatro tigres, perdida a feridade,
Ao jugo presos o seu carro tirão,
Pelos caprinos Faunos conduzidos.

Precedendo o cortejo o bom Sileno
Mostra risonho o rubicundo rosto;
Co' a sinistra empunhando a rara clina
Do tardio animal que alegre monta.
Ao lado d'elle o côro das Bacchantes
Em mosqueadas pelles envolvidas,
Nus os braços, as comas destrançadas,
E nas formosas mãos thyrsos vibrando,
Ao ar se elevão em continuos saltos.
Pouco depois dos Satyros caprinos
Segue cabriolando a vaga turba,
Huns fazendo soar torcidos buzios,

Outros agudas gaitas dissonantes,
E ao som dos variados instrumentos,
Em mil alegres saltos vão ferindo
A compasso c'os pés a verde relva.

Bigenito Leneo, Evias frementes,
Crinisparsas Bacchantes, vós galhudos
Capri-saltantes Satyros thyrsigeros
Plantai em nossos campos as videiras,
E ensinai aos de Luso agricultores
Os trabalhos da vinha e os segredos
Da ardente producção dos vossos troncos.
Arrancai das encostas preciosas
O amargo carrasco, o tojo ingrato;
Arrancai a aroeira e o trovisco,
A urze, a torga, o espinheiro agreste;
Dos animaes selvagens a morada
Derrotai, destrui; que em hum tal solo
Das retorcidas cultivadas cepas
Vão mil cachos pender deliciosos.

Vós oh rochedos, que de rude marmore
Os bancos ostentais, no seio vosso
Já de Vulcano se introduz o raio,
Fulmina o nitro, eis de improviso estala
A calva frente da robusta penha;
Rólão penhascos desde o cume á falda,
E a mão da industria de Lenêo as plantas
Faz succeder aos musgos, que vestião
Os aridos penedos descarnados.
Rei dos metaes, a fronte das montanhas
O ferro em mil sentidos rompe e abre.
Penetra o sol o aspero terreno,
E em breve fertil para Baccho o torna

Lá onde o pólo arctico se eleva
A vinte e cinco gráos, até ao clima
Em que distancia igual a Cynosura
Conserva do zenith e do horizonte, (33)
Espontanea rebenta, vinga e cresce
Com ingente vigor a fertil cepa;

Alli rival das arvores frondosas
Sobe da terra em vigoroso tronco,
Com vaidade elevando-se nos ares
Ostenta as folhas, e por toda a parte
Aos olhos deixa ver os roxos cachos;
Porêm fóra d'alli, ou destinada
O vinho a fornecer, carece a vide
De longas attenções e de cuidados;
Hum abrigo requer; mais leda folga
Nos montes, que ao nascente expostos ficão,
Ou que ao meio dia a fronte alegres volvem;
Nas encostas porêm, que o norte açouta,
Privada do calor, e combatida
Na estação fria, dos gelados ventos
Dos aquilões soberbos e ferozes,
Jámais o doce cacho amadurece:
E em vez de dar a uva hum succo forte,
Só produz hum licor aquoso e fraco.
Igualmente nos valles abundantes,
Onde Baccho o terreno usurpa a Ceres,

Jámais a industria colherá bom vinho.

Cresção fecundas messes nas campinas,
Nas bordas que os ribeiros humedecem;
Nos levantados cumes das montanhas
Elevem-se risonhas as florestas;
E tu, oh vinha, vem ornar as brandas
As suaves encostas das collinas.

Oh tu, que á terra confiar pretendes
Em propria exposição de Baccho as plantas,
Em primeiro lugar prepara o solo;
Pois nunca em hum terreno inculto e duro
Alguma plantação prosperar pode.

Cultores sabios ha que despojando
Do importuno mato a branda encosta
Em montões as raizes seccar deixão
Com o ardor do sol; depois no outono
As entregão ás chammas devorantes,

E o terreno cortado co'a charrua,
Das cinzas vegetaes recolhe as partes.
Alli lanção então tenue senteio,
Lanção cevada, avêa, ou trigo fertil,
Ou adubando a terra, nella crião
Os tuberosos pomos da batata;
Alli tambem he util o onobrychis,
E se o solo o permitte, alta luzerna,
Em raizes e em folhas abundante;
E depois de tratar assim a terra
Os delgados bacellos lhe confião.

Sobre o habil cultor meigo volvendo
Clemente olhar o Ceo, em seus celleiros
Amontoa-se o trigo, em seus lagares
Espumando fermenta hum doce mosto;
Sob o peso dos pomos sazonados
As arvores as braças vigorosas
Curvão nos seus vergeis, e nos seus campos
Co'a abundancia das folhas da oliveira

Quasi a dos fructos disputar se atreve.

Vem, Nize, huma aura fresca nos convida
Pelo campo a gyrar, eia corramos
Essa collina, que hum cultor perito
Ao Deos de Naxo consagrar pretende.
Eu já vejo o terreno preparado
Com precedentes optimas culturas;
Em diff'rentes secções vejo os bacellos
Que o podador cortou, depois que o outóno
Da vide o fertil páo deixou maduro;
Os que produzem moscatel fragrante
Cobrem de hum lado a terra, de outro aquelles
Que devem fornecer a malvasia;
De hum lado os que produzem roxos cachos
Proprios a dar a côr ao mosto puro,
Do outro os da uva branca delicada;
Todos cortados em robustas plantas,
Que fecundas, bons fructos tenhão dado.

De tosca pedra vê os baixos muros
Que em socalcos cortando a longa encosta,
Sostem com arte as adubadas terras;
As longas ruas ao cordão abertas
Parecem convidar os uteis carros
Que ainda hum dia da cultura em premio
A vindima ao lagar conduzir devem.
Contempla toda a encosta, que movida
Até ao fundo, promover parece
Da delgada raiz o crescimento.

Lá no cume, que o sol no extremo occaso
Doura c'o derradeiro de seus raios,
Vê a parte da terra destinada
As cepas a nutrir de cachos brancos,
Mais do que as outras cepas vigorosas,
E que sempre mais tarde amadurecem;
Na falda da collina, que mais fertil
Tornão as aguas do chuvoso inverno,
Já marcado ao cordão devisa o solo ..

Destinado à nutrir os roxos cachos,
As especies mimosas e as que excedem
Todas as mais em saborosos succos.

Á divisão geral preside a ordem,
A ordem mãi do gozo e da belleza,
E foco principal da utilidade.
Aqui dos bosques a nociva sombra
De Baccho ás plantas o calor não veda,
Nem dos rios e charcos os vapores
A delicada florescencia attacão.
Parai oh ventos, respeitai os tenros
Delicados pimpolhos, e vós neves,
Ah não cresteis do agricola a esp'rança!
Benigno olhar do facho do universo,
Luz fecundante, amor da natureza
Propicio a hum solo tal teus raios manda!

Já tem findado o ardor do quente estio;
Já de Latona o filho o carro avança

Na setima porção do gyro inteiro,
Onde a sagrada Themis tem pendente
A balança fiel no recto braço;
Já de Ceres os dons ha muito guarda
Sob o tecto o colono recolhidos,
E a terra fresca e humida convida
Do vinhateiro próvido os trabalhos.
Vinde, que he tempo de entregar ao solo
As plantas de Lenêo. Já de echo em echo
Da enxada retinnindo os golpes voão,
Abrem-se a fundo as alinhadas vallas,
E de huma em outra cahe movida a terra,
Sobre os longos sarmentos (34) já dispostos.

Mas no terreno duro e pedregoso
O ferro agudo vai abrindo as covas,
Em que a mão os bacellos déposita,
Da terra vegetal o vacuo enchendo;
E se hum dia a charrua passar deve
Por entre as cepas, sempre improprio trato,

Em espaçadas covas logo as planta,
Com hum numero grande de bacellos
A fertil terra providente occupa,
A fim de moderar-lhes o sustento;
Deixa ao contrario entre estes grande espaço
Quando hum terreno magro e pouco fertil
Com escassez a seve lhes ministra.
Se acaso a cepa remontando aos ares
Deve desenvolver extensos ramos
Carece então de mór profundidade,
Para que a proporção sempre conservem
As raizes no chão, no ar co' as braças.

Desta maneira o agricultor experto
De Baccho as plantas ao terreno entrega;
Desta arte lhe confia as tenras vides
Cujos cachos mais tarde fermentando,
A origem são do nectar espumoso,
Do ardente alcohol (35), que por activo
De sp'rito usurpa impropriamente o nome;

Nectar, que da razão as luzes frouxas
De todo apaga, e dos signaes de vida,
E do vigor os fortes membros priva,
Se do uso delle o homem não modera
Vergonhoso appetite. Autor funesto
De desordens, de crimes, que excitando
A colera e furor, em feras torna
Os miseros mortaes, a quem provoca.
Mas se a prudencia o torpe abuso impede,
Do velho curvo c' os pesados annos
Nos frios membros o calor renova,
Anima o braço, que volvendo a terra,
Já de suor banhado desfalece,
E reluzindo nas douradas taças,
Nos limpidos crystaes puro brilhando
Doce alegria e hum prazer honesto
Nos alegres banquetes insinua.
D'elle escudado o viajante affronta
Da Zembla os gelos, ou as ondas turvas
Do procelloso reino Neptunino.

Riqueza do que habita hum solo improprio
Ás colheitas de Ceres, commutada
Em farinhosos grãos traz a abundancia
A hum paiz sem seus dons inhabitavel.

Oh sabio creador da natureza,
Entre mil producções, huma sómente
Inutil se não vê nas obras tuas;
E se o vicio fatal de tudo abusa,
Sejão ao vicio os damnos imputados!

Tu pois, que tens plantado as brandas vides,
Vem os modos ouvir de cultivá-las.
Varião como os sitios as maneiras
De amanhar de Lenêo as ferteis plantas.
N'huns paizes levanta-se a videira
Ás arvores unida, já cingindo
Co'as pampinosas braças alto olmeiro,
Já o tremulo chopo, a amendoeira,
Já a amoreira de sanguineos fructos.

Entre a ramagem dos frondosos troncos
Enlaça a vinha os ramos, de huns a outros
Mil vistosos festões de hum verde alegre
Pendem áquem, e álem; os aureos cachos
Suspensos variamente ao mesmo tempo
Desafião o gosto, e a vista encantão.
Taes de Naxo as collinas nos pintárão,
Acesos em furor dithyrambifico,
Os sectarios do filho de Semele;
Taes as tem a fecunda Lombardia,
Das Gallias parte, parte das Hespanhas,
E a Lusa provincia trans-dourana.

Vós porêm, oh do Douro arrebatado
Margens, do padre Emonio tão prezadas,
Vós collinas vizinhas ás correntes
Do Zezere e do Tejo soberano,
Vós oh campos, que lava o Guadiana,
A baxa vinha cultivais ditosos.

Ha paizes tambem, onde da cepa
Mais elevada os alongados ramos
Sustentão mortos páos entrelaçados;
Outros aonde à planta vigorosa
Cada anno floresce em muitas varas;
Outros em fim aonde junto á terra
Humilde pelo chão quasi se arrastra.
Feliz o vinhateiro, que instruido
Dos principios da arte em que se emprega;
Sabe experto escolher ao seu terreno
Que especie de cultura mais convenha.

Musa, tu que me ligas com cadêas
De rosas e de flores ao trabalho,
Tu me apresenta as leis, que a natureza
Na formação do fructo da videira
Constante segue. Ouvi-me agricultores,
E do que a Musa minha expor pretende
Fazei a applicação ás plantas vossas.

O raio, que de Phebo luminoso
Sobre o terreno cahe, trazendo a elle
A luz com o calor, pelo terreno
Para a planta, que nutre, he reflectido;
E do calor reflexo a força excede
A do raio que vem direito á planta;
Por isso quanto mais proxima á terra,
Sem aos ares subir, seus fructos nutre,
Tanto mais em seu fructo o calor obra.

Da Lybia nos desertos arenosos,
Onde ruge o Leão, onde exercita
O tigre a tyrannia sanguinosa,
Do alvo chão, que hum sol ardente exhaure,
Reflectido o calor com força ingente
Das arvores abrasa as verdes folhas,
Tornando tudo em cinza, e tudo em fogo.
Em toda a parte a próvida natura,
Mal os entes creou, proveo-os de orgãos
Por onde a vida e os succos lhes ministra,

A planta, que adherente existe á terra,
Pelos poros da casca, pelas folhas,
Como pelas raizes, se alimenta;
E tanto mais frondosa ella se estende
Tanto mais succos distribue aos fructos,
Que pendem de seus ramos vigorosos.

Aquelle que recolhe pois os cachos
Em clima frio, ou em terreno fertil,
Onde ou falta o calor, ou cresce a seve,
Deve sempre ao terreno quanto possa
Das suas cepas attrahir os ramos.
Ao contrario o que planta em hum terreno
Magro e pobre, ou em que hum sol ardente
Da sua planta as verdes folhas cresta,
Deve a vinha altear, e até aos troncos
Permittir-lhe que eleve ousada as vides.

Se quizermos a vinha ver vingada,
Do bacello plantado com desvelo

Ao ignorante a poda não deixemos.
Dês que a folha cahio das mortas varas,
Dês que a seve sumindo-se não corre
Das braças pelos vasos, com prudencia
Das mesmas braças amputemos parte.
Á tenra planta, que na terra conta
Hum anno apenas, nada mais se deixe
Que o rebentão mais proximo ao terreno,
E a hum só olho ainda o limitemos.
Em a poda seguinte duas hasteas
Se podem já deixar á joven planta,
Sem com tudo abusár das forças suas;
Pouco a pouco passando á adolescencia
Cada vide nutrir mais olhos pode.

Eis formada a finál do Baccho a cèpa,
Já cresce vigorosa, e já promette
Ao vinhateiro activo a recompensa:
Ah praza ao Ceo que o vinhateiro avaro
Nunca se esqueça de poupar-lhe as forças!

De outra maneira exhausta em poucos annos,
Decrepita, infeliz, em justa pena
Hade negar-lhe para sempre os fructos;
Nem lhe esqueça jámais deixar em baixo
Com prudencia o fiel, que em qualquer caso
Pode a cepa supprir, que desfalece.

O fluido, que nutre as varias partes
Do todo o vegetal, a lactea seve
Quanto mais em seu curso he demorada,
Tanto mais se prepara e se elabora;
Tendendo sempre a soccorrer os cumes
Apressada da base ás pontas sobe,
E alli rebentar faz espessas folhas,
Que mais e mais a marcha lhe promovem;
Para o fim de detê-la, e dirigî-la
Os cachos a nutrir, o vinhateiro
Da cepa, que podou, as braças curva.
O junco dos terrenos pantanosos,
O brando vime, que elle retorcêra

Lhe fornece as prisões; ora curvando
Á só vara que existe, á mesma cepa
Quasi em circulo a liga; ora a retorce
Na lança, que entrar vai depois na terra;
Mas se a cada videira tem deixado
Duas varas fructiferas, enlaça
A hum só esteio as de dobradas plantas,
E a vinha inteira d'esta sorte ordena
Em alinhados renques, igualmente
Gratos á vista, e proprios á cultura.

Mas baldado he podar, empar as cepas,
Os golpes alizar, despir os ramos
Das parasîtas, que a substancia roubão,
Se do terreno onde as raizes morão
Incautos desprezamos a cultura.
Nos paizes ditosos, que povoão
Colonos mil, que do trabalho e industria
Tirão contentes próvida abundancia,
Tres vezes de Lenêo em torno ás plantas

He no gyro annual bulída a terra.
Nunca depois das chuvas copiosas,
Antes que a humidade se evapore;
Nem quando o Ceo das nuvens denegridas
Soltar promette rapidas torrentes,
Que do cultor mallogrem os trabalhos.

Da encosta não convém na inf'rior parte
A cava começar, com ella a quêda
Das terras pouco a pouco se promove;
Cumpre porêm puxar transversalmente
O terreno cortado pela enxada;
Cumpre, se acaso o solo se acha exhausto,
Distribuir-lhe avaro hum proprio adubo
Em terra vegetal já transformado.

As folhas, que arrendára o critocephalo,
Ou as em que se aloja o rinomacer,
Quanto he util colher para queimá-las
Fóra da vinha; quanto, amontoando

O mal cortido estrume, armar ciladas
Ao escarbeo imigo das raizes,
Ou com montões de pedra pela calma
Attrahir cuidadoso o lento cochlea,
E de seus damnos preservar as vinhas!
Quanto he util supprir com mergulhias
Por huma nova cepa a cepa enferma,
Quanto em fim converter com bom enxerto
A especie má em outra proveitosa.

Mas já vejo pender pesados cachos
Das ferteis vides; já de côr mudando,
Pardo do mesmo cacho o pé se torna,
E diaphana pelle envolve o bago,
Cheio de hum succo grato e glutinoso:
Vinde, oh vindimadores, vinde, he tempo,
Antes que o ceo torrentes despenhando
Das ferteis cepas damnifique os fructos.
Os leves cestos, jovens camponezas,
Nos braços enfiai, trazei tesouras,

Ou cortantes navalhas; já surrindo
O Outono de pomos coroado
Vem trazendo os trabalhos da vindima.
Buscai, vindimadores, que sereno,
Livre de nuvens se apresente o dia;
E sem os offender, entre os mais cachos
Attentos escolhei os bem maduros.

Feliz o agricultor, que tem lagares
Á vinha unidos, e que póde a elles
A uva transportar intacta e limpa;
Mas se a distancia obriga a usar do carro,
Seja o transporte feito com cuidado;
Evite-se o pizar, calcar as uvas,
E sobre tudo o misturar os bagos
Podres e mal maduros, na vindima.

Já vejo d'entre os muros das cidades
Surgirem os inertes habitantes
Que os trabalhos do campo ao campo chamão,

Onde alegria festival preside.
Vem, minha Nize, vem, guarnece a negra
Madeixa de grinaldas pampinosas,
Que eu tambem de hera a minha frente enramo:
Entremos nestes coros, que festivos
Ao som das gaitas dos pastores ledos
Cantão do padre Emonio altos louvores.
Porêm que vivo ardor me assalta a mente?
He elle, he elle, o Thyonêo sagrado
Que ensina as suas leis aos lavradores!
Oh como nas encostas das collinas
Aos echos voão mil festivos cantos!
Mil hymnos de prazer vão repetindo
De valle em valle as grutas sonorosas!
Que operação sublime me encarregas
De pintar oh Lenêo? Antes de rota
Do bago a pelle, começar não pode
O succo a fermentar; por isso a uva
Deve ser comprimida, e d'esta sorte
Á vinificação convem dispô-la.

Lembra-me agora, oh Musa, os resultados
D'este processo, e como as partes todas
Em gèral movimento a hum fim conspirão;
A sahida do gaz forte e assassino, (36)
A formação do alc'ol leve e ardente,
A do liquido roxo e colorante,
Que na pelle reside, (37) o calor forte, (38)
Que livre sahe da cuba, e d'este modo
Deixa ver ao cultor como lhe he facil
Reprimir, excitar, e ao seu intento
Conduzir toda a massa fermentante.

Calcada e dividida a massa toda,
Começa a natureza o seu trabalho;
D'affinidade ás leis obedecendo, (39)
Da vinificação entra o processo.
Começa o gaz carbonico a apartar-se
Do liquido, que espuma e que se turva;
O calor livre faz sentir a força;
O tartaro, da cuba nas paredes,

E no fundo tenaz se precipita; (40)
Decompõe-se o assucar, e formado
O alcohol apparece, e da córada
Pellicula do bago extrahe o succo
Resinoso, que a côr do vinho encerra. (41)

Mas para que feliz e propria seja
Toda a fermentação, são necessarias
Varias combinações, diversos meios:
Que o lugar onde a cuba o mosto encerra
De dez a quinze gráos em calor chegue;
Que o principio suave e assucarado
C'os saes e a agua a proporção conserve.
Por isso o agricultor, que encontra aquoso
Em excesso o seu mosto, ou n'elle lança
O assucar, que lhe falta, ou sobre o fogo
Huma parte concentra e forma arrôbe,
Com que experto tempera e adoça o todo;
Mas se ao contrario, em demazia espesso
Se mostra o succo, a ponto que resista

Á fermentação lenta, convem de agua
Juntar-lhe huma porção, que o torne liquido,

Com taes cautelas só, com taes trabalhos
Os licores de Emonio se preparão.
Porêm se he teu intento que ao abrî-lo
Te salte o forte vinho em branca espuma,
Antes que o gaz carbonico se exhale,
Do contacto do ar ligeiro o priva,
E em toneis bem tapados o encarcera;
Mas para este fim prudente escolhe
O mosto, que fermenta com lentura,
E que de alcohol e gazes não abunda.

Se cubiças hum vinho licoroso,
Na doçura rival do mel do Hymetto,
Antes de o fermentar, o louro cacho,
Ou torcendo-lhe o pé preso á videira,
Ou em pranchas expondo-o, ao sól o passa.
E se no licor teu prezas e buscas

A intensidade em côr e hum sabor forte,
Só da cuba o retira quando cesse
Toda a fermentação tumultuosa.

Sob a potente vigorosa imprensa
Té á ultima gotta extrahe o succo
Purpurino da pelle delicada.
Ha cultores, que os bagos, separados
Do engaço, á cuba lanção, e assim deve
Obrar o que prepara hum vinho doce;
Porêm o que o destina ao alambique,
E aquelle que pertende com o succo
Acerbo dos engaços de algum modo
Modificar a insipidez do mosto,
Desengaçar as uvas jámais deve.

Mas já nos bons toneis sendo encerrado,
Se apura o vinho com trabalho lento,
E huma fermentação tranquilla e longa.
Depois he que o cultor separar deve

Da lia immunda o succo limpo e puro,
Privar este do ar, do calor forte,
E em rolhada garrafa em fim fechá-lo.

Assaz temos cantado, Musa, he tempo
De terminar de Emonio o longo trato;
Agora empunha a ricca taça de ouro,
E enchendo-a de vinho, alegre a liba
Em honra do cultor industrioso,
Para quem desvelada, sãos preceitos
Das florestas á sombra tens cantado,
Das florestas, que outr'ora em brandos versos
Doces hymnos a Amor de ti ouvírão.

CANTO V.

Amantes da fecunda natureza,
Oh vós, que longe da ambição e orgulho,
Á maneira dos pais da raça humana,
Folgais de cultivar os seus thesouros,
E tu, querida parte da minha alma,
Tu, que até agora me inspiraste, em quanto
Os próvidos cuidados da natura
Satisfeito cantei, ah vinde, vinde
Comigo celebrá-la, e engrandecê-la.

Cantado temos com que lei, com que ordem
A terra da atmosphera attrahe os succos,
Como embebe em si mesma o gordo adubo,
As aguas, os orvalhos, e os transmitte
Á planta, que nos orgãos os prepara,
E na seve os converte que a sustenta.
Temos visto tambem por que maneira,
Á lei geral da morte obedecendo,
O vegetal na terra decomposto,
Para outros nutrir habil a torna.
Mas não bastava só que a verde planta
D'outra planta a existencia preparasse;
Não bastava da luz que exposta aos raios,
Fonte de vida para novos entes,
De ar vital derramasse na atmosphera
Hum benefico orvalho, a si chamando
Dos mephiticos gazes o veneno;
Era preciso ainda, oh Mãi sublime,
Para c'roar tua obra inimitavel,
Que o succo vegetal na mesma planta,

Tornando-se concreto, produzisse
Caules, raizes, flores, folha e fructos;
Que aos animaes servindo de sustento,
Por elles novamente commutados,
A bem tornassem da nascente planta;
E que outros inda a enriquecer tendessem
Dos mineraes o reino inanimado.
Era preciso encadear os entes
De tal maneira, que as ruinas d'este
A vida e o vigor fossem d'aquelle;
E que a materia sempre decomposta,
E novamente sempre se compondo,
Vivificasse a face do universo:
Ás aguas semelhante, que no immenso
Lago do oceano c'o calor tornadas
Em vapor leve, sobre os altos montes,
Condensadas do ar se precipitão,
E dalli em torrentes, em ribeiros,
Em fontes de crystal e arroios mansos
Novamente ao geral tanque se arrojão.

Musa, de huma tal mestra grata alumna,
Agora aos teus iguaes, aos lavradores
Vem cantar o cuidado das manadas,
E ao pastor, que modula a branda frauta,
Qual o trato preciso aos seus rebanhos.

Oh tu, Nume do Pindo! oh tu, que outr'ora
Guiaste a idade de ouro entre os pastores,
Lá do alto agora da elevada esphera,
Onde reges o carro adamantino,
Na mente hum vivo raio me dardeja.
Presta-me, oh sacro Pan, a branda frauta;
Vós, Nymphas, que do Zezere as correntes
Benignas protegeis, e as margens frias,
Onde encontrei hum termo aos meus desejos,
De hum amigo fiel pelos desvelos,
Se vós me grangeastes tal thesouro,
Huma voz me prestai, que fazer possa
Eterno o nome seu, e o vosso nome.

Entremos n'esse reino numeroso,
De que o homem, qual rei, o sceptro empunha;
E para o ajudar em seus trabalhos
Dos animaes a força aproveitemos.
Tire o boi, o cavallo o nobre peso
Da cortante charrua; nas campinas
Pascendo a mansa ovelha adube os campos;
Em quanto nos outeiros atrepando
A cabra roedora, já co' as crias,
Já com o branco leite nos premêa.

Ah! quando chegarão a ver meus olhos
Os cultores de Luso na abundancia?
Quando verei os campos, que ora cobrem
Moitas selvagens, mil inuteis plantas,
Em verdejantes prados convertidos,
Apresentar a face da riqueza,
Da cuidada fecunda agricultura,
Do corpo social vigor e nervo?

Surgi da molle incuria, agricultores,
Sarjai esses terrenos pantanosos,
Onde ora crescem juncos e espadanas:
O trevo lhes lançai, lançai-lhes gramas,
Que apenas cultivais em curto espaço;
Cobri, cobri os aridos outeiros
Do onohrychis c'o germe productivo,
E os terrenos mais frescos co' a luzerna;
Então, e então sómente, em vosso aprisco
O gado abundará; então sómente
Nos curraes entrarão gordos novilhos,
Após as fortes mãis, ledos brincando;
Sómente então as crinas sacudindo,
Leves cavallos rincharão nos campos;
Sómente então em vez da magra fome
Off'recerão ditosas as aldêas
A face do prazer e da abundancia.
Só produz o terreno cultivado:
He sem gado impossivel a cultura,
E o gado nutrir só prados podem.

Tu pois, que o nobre emprego tens em sorte
De cultivar a terra, attento cuida
Pastagens em formar. Duas especies
Ha de prados : n'huns d'estes a natura
Per si mesma produz as verdes plantas;
Porêm se a arte a ajuda, se nos baixos
E quasi pantanosos, vallas abre,
Se terra alli conduz para elevá-los,
Se os grãos, que dos palheiros se retirão,
Cuidadosa alli lança; oh que vantajem
Produzirá trabalho tão pequeno!
São comtudo estes prados inf'riores
Aos altos e elevados, onde as hervas
Menos aquosas são, mais nutrientes,
E sempre para os gados mais saudaveis.
Muito melhor, se a industria formar soube
Nos sitios elevados providente
Reservatorios de agua, que no estio
Matem a sede ás abrasadas plantas;
Alli tambem convem de quando em quando

Dos bons fenos lançar os grãos fecundos;
Distribuir de quando em quando adubos;
Às moutas arrancar e toda a planta,
Que ou com os ramos seus suffoca as hervas,
Ou com a sombra espessa as damnifica;
No contorno formar vallados fortes,
Que prohibão a entrada dos rebanhos
Nas epocas não proprias; seja quando
Hervas que para feno se destinão,
Na sua florescencia são cortadas;
Seja depois das chuvas copiosas,
Quando com as pisadas, o chão molle
Se tornar desigual : com taes desvelos
Os prados naturaes bom pasto crião.

De prados taes, das suas hervas finas
Criadas pelas terras que descansão,
Ligeiros poldros bellos se alimentão;
São ellas as que mais convem á ovelha,
E com pastagens taes os fortes touros

Bem como as vaccas, tornão-se melhores.

Alem dos uteis prados, que a natura
Por si mesma produz, formar-se devem
Prados feitos com arte e filhos d'ella;
Já plantando a luzerna succulenta,
Já com o trevo as terras alternando,
Já a couve dispondo alta e ramosa:
Nem deixarei ficar no esquecimento
A fresca pimpinella, que resiste
Aos rigores do inverno, e que se cria
Ainda nos terrenos menos ferteis.

Mas já correr deviso nas campinas
O formoso animal, que abrindo a terra,
C'hum golpe de tridente, á luz do dia
Deo das ondas o Nume soberano.
Tu, conquista completa dos humanos,
Cavallo docil, vivo, activo e forte,
Dos quadrupedes rei pela elegancia;

Em quem da escravidão não pode o jugo
Destruir o valor, manchar a audacia.
Aqui cheio de pó e branca espuma,
Salpicado de sangue, horrido estrago
Debalde te rodêa, arremessando
O peito aos p'rigos, o clarim da gloria,
O retinnir das armas mais te animão:
Intrepido a affrontar a morte vôas,
Com teu senhor os louros repartindo.
Aqui por entre as lanças te arremessas,
Alli ouves zunir de Marte o raio;
Mas no centro do horror submisso e docil,
Da mão, que te conduz, a lei procuras.
Erguido o collo, as ondeadas clinas
Sóltas vaidoso ao ar, o freio mordes
Com orgulhosa audacia, e o chão que pisas
Com a ligeira planta apenas tocas,
Quando da paz serena no regaço
Em nobres jogos teu senhor conduzes.
Alem, ao peitoral lançando o peito

Com ligeireza e brio ufano arrastras
Das bellas Nymphas os dourados carros.
Mais baixa a frente, menos leve o passo,
Preso á charrua traças ao colono
O productivo rego, ou com a grade
Cobres o grão fecundo, ou por mil modos
Ao lavrador uteis serviços fazes.
Companheiro do heroe em seus combates,
Servo do cidadão nos seus prazeres,
D' alta pompa dos grandes lustre e ornato,
Alivio do cultor em seus trabalhos,
A toda a parte teu serviço estendes;
Do homem para o bem, viver só sabes;
Ao homem pois reconhecer-te importa,
Se perfeito deseja possuir-te.

Varios climas fornecem raças varias,
Que produzem cruzadas bello effeito,
Huma de outra os defeitos corrigindo.
Tu, oh Arabe errante, tu possues

De bons cavallos a mais bella especie;
Só tu do cruzamento não careces;
Maiores são os teus, são mais nervosos,
Mais leves, mais ardentes. Tu, Marrocos,
Apresentas vaidosa os mais prestantes
Cavallos que produz a Barbaria,
Que às hervas nutrem do nevoso Atlante,
Com os quaes fez de Dido outr'ora a gente
D' Aguia Romana atraz volver os vôos.
O encurvado collo, a fina orelha,
A agulha levantada, a fronte bella,
A chata espadoa, a vigorosa perna,
A rapida carreira, o genio docil;
São dotes, que a natura em grande copia
Sobre elles derramou. A nobre Hespanha
O cavallo Andaluz soberba mostra;
N'elle o guerreiro satisfeito encontra
A intrepidez, o orgulho, a ligeireza,
O olhar fogoso; a nenhum outro cede
O cavallo Andaluz, belleza e graça

Propria da pompa, e dos equestres jogos.
Tu Anglo corredor, que te assemelhas
Ao bellissimo Arabe, as fadigas
Não te fazem tremer. Oh caçadores,
Taes cavallos buscai, que o raio imitão
Na carreira veloz; mas a natura,
Que a força e que o vigor lhes deo em dote,
Mais avara com elles foi de graça,
De flexibilidade e tacto fino.
O Bretão, o Normando, e os que apascentão
De Napoles os campos, para o tiro
Propriissimos são, e com vantajem
Os prendem á charrua os lavradores.
Tu, oh Dinamarquez, raio da guerra,
Singular pela côr; Germano forte,
Mas pesado e sem fôlgo; Hungaro activo,
De quem o ferro agudo as ventas rasga;
Frizão, que nobremente os carros tiras;
Tartaro infatigavel, duro em temp'ra,
Na fórma esguio e de elevadas pernas;

Tu Islandio a final, pequeno e feio,
Afeito ao clima duro, que no inverno
De espesso, longo pello te revestes;
Não sereis esquecidos no meu canto.
Proprios aos vossos climas e terrenos,
A vossa imperfeição té certo ponto
O cruzamento emenda; porêm nunca
Os paizes de frio e de humidade
Vos produzem iguaes aos dos paizes
Mais quentes, inaquosos e elevados.

Tu pois, oh lavrador, que em abundancia,
Prados possues e fecundos campos,
Forma de boas eguas as manadas,
E com proprios cavallos as fecunda.
De emproada cabeça, collo airoso
De largos peitos, tendo ao menos visto
Tres gyros annuaes do sol luzente,
À procrear, as eguas são dispostas,
E aos seis annos mui proprio he o cavallo.

Porêm a escolha d'este he mais que tudo
Á perfeição das raças necessaria;
Hum corpo grande, vigoroso e forte,
A queixada pequena, o olhar vivo,
Convexa a fronte hum pouco, a orelha fina,
Macîo pello, avantajado peito,
Garupa larga, levantada agulha,
A canella delgada, a junta movel,
A quartella não longa, o casco unido,
Lucido e negro, chammejantes olhos,
Mobilidade, graça, genio docil,
São para a boa escolha os caracteres.

Por tão perfeitos pais sendo cobertas,
Podem as eguas dar perfeitos filhos.
Porêm da egua gravida desvia
Os p'rigos e os trabalhos; separada
Deve andar dos cavallos, e d'aquellas
Que alimentão os filhos, ou que livres
Folgão de exercitar-se em leves saltos;

Mas ao poldro nascido a liberdade
Mais que tudo convem; convem-lhe em torno
Da mãi brincar pelos viçosos campos,
E depois de seis mezes, quando o tempo
Chega de o desmamar, a branda sêmea,
O soro, as farinaceas mucilagens,
A herva tenra alimentá-lo devem.
A coberto no inverno em curral proprio
Deve as noutes passar; mas sem cadêas,
E a par dos seus iguaes em liberdade;
Para que em fim, chegado ao quarto anno,
Ou ao quinto, comece os seus trabalhos.

Não menos attenção empregar deve
Na educação do boi, como na escolha
Dos touros para pais, o que possue
Das vaccas as manadas, que em mil modos
Os trabalhos, que exigem, gratificão.
Eu não descrevo aquella raça indocil
Imagem do furor, terror dos campos,

Que negando-se ao jugo e ao trabalho,
Serve apenas de barbaro recreio
Aos poucos povos, que entre o horror e a morte,
Com hum bruto feroz inda hoje estimão
Loucos medir-se em desigual peleja.
Intento só pintar aos lavradores
Do pacifico boi, proprio á cultura,
Qual deva ser a educação e o trato.

Oh tu, que ver desejas bons novilhos
Entrar no curral teu, pastagens busca
Altas e seccas; para mãi escolhe
De pequena cabeça e corno breve,
De vivo olhar, de larga espadoa e peito,
De collo grosso e dilatado bojo
A criadora vacca, e lá no tempo
Em que ella dá mugidos amorosos,
Na florente estação, então a entrega
Ao seu soberbo amante, o qual ter deve
Tres, até nove annos; com firmeza

Pisar os campos, levantando airoso
Hum collo grosso, huma cabeça breve
De negras, curtas armas adornada:
Sobre os joelhos seus pender deviso
Solta papada do robusto peito;
Entre as carnudas pernas vigorosas
Lhe desce até ao solo a longa cauda,
E em quanto c'o mugido os ares fere,
Dos negros olhos flammas lhe chammejão.
De outro rival a vista lhe embaraça,
Se não queres no campo atroz peleja.

De ciume incendido, quantas vezes
O soberbo animal o imigo busca,
Olha-o de longe, e com a mão potente
Em torbilhões da terra o pó levanta;
Muge, ameaça, e qual o ardente raio,
Fero procura a singular peleja!
Já as frontes cornigeras se encontrão;
Já a ponta o contrario dilacera;

Urros de dor, mugidos de vingança
Já temerosos echos mil repetem;
Em borbotões na terra o sangue corre;
Raiva e ciume os animaes respirão.
Mas o vencido, em pó e em sangue envolto,
Perdida a força, extincta quasi a vida,
Ao contrario a final cede a victoria:
E em quanto com o collo levantado,
Este soberbo a recompensa busca,
Co' a fronte baixa, com o olhar em fogo,
O vencido dos campos triste foge,
E só, entre os remotos fundos valles
Occulta o opprobrio, e a vingança estuda.
Vingança sanguinosa, em que embebido
O animal se nutre, contra os troncos
Já a ensaiar começa o corno agudo,
E parte em lascas o ferido lenho.
As forças e o vigor em fim restaura,
Renova-se-lhe a raiva, e já bramindo
Corre ás planicies, e o rival procura.

Taes do prazer o instincto, e seus effeitos
São entre os animaes; e se desejas
Prevenir os desastres, separados
Traze os de sexo vario. As eguas pastem
N'hum sitio, as vaccas n'outro, áquem os touros
Os cavallos álem; pois de outra sorte
Na estação dos amores, o ciume
Estrago ha-de fazer, e fracos filhos
A mai produzirá, que fecundára
Hum vencedor no proprio sangue tinto.

Mas já contêm no ventre a vacca prenhe
Do criador a esp'rança e a riqueza,
Que deve o objecto ser de seus cuidados.
Defende-a das injurias da atmosphera,
Dos grandes frios, do calor ardente,
Das copiosas chuvas; seu trabalho
Modera por extremo, e d'ella aparta
Quanto possa ferî-la, e incommodá-la;
Mais que nunca bons fenos lhe ministra,

Ou raizes, ou hervas nutrientes;
Até que tendo nove mezes findos,
Para parir a cama lhe prepara
Em hum proprio curral com brandas folhas;
E pouco a pouco a restitue aos pastos,
Ao trabalho a final, e á liberdade.

Nos principios a cria em quente abrigo
Vigilante conserva, e com prudencia
Cinco ou seis dias tão sómente a teta
Lhe ministra da mãi a horas dadas,
A fim que a mesma mãi se não esgote.
Quatro mezes ao menos mamar deve
O novilho, que ao jugo he destinado,
E com hervagens tenras, com bons fenos,
Com sêmeas, com raizes pouco a pouco
Cuidadoso procura desmamá-lo.
Quando o rigor vier do frio inverno
Pouco tempo nos campos o demora;
Tarde deixe o curral, n'elle entre cedo.

Para manso o tornar jámais te esqueça
Manear-lhe os ainda curtos cornos,
E os pés, para o ir formando á ferra.
Tratá-lo com dureza em fim evita,
Que a doçura he só ganha com doçura.

Debalde modo brando empregarias
C'o touro, que a natura fez indocil,
Atrevido e soberbo; e se domá-lo
Ao trabalho he possivel, e dobrar-lhe
Ao jugo a cerviz dura, jámais n'elle
O soffrimento e a mansidão se encontrão.
Mal trinta mezes conta, então privado
De procrear, o touro toma o nome,
E o caracter de boi; então esquece
O soberbo animal o antigo orgulho,
Esquece a independencia; e humilde escravo
He d'aquelle, que o rege, é de quem firme
O serviço supporta, e soffre o jugo.

Porém nunca ao trabalho rigoroso,
Aquelle que do boi as forças preza,
O sujeita, antes que do leite os dentes
Por novos dentes renovados sejão;
O que aos tres annos faz a natureza.
Os aneis, que nos cornos se originão,
A idade do animal marcão de sorte,
Que a mão, álem de tres, nos cornos conta
Pelos aneis o numero dos annos.
Deve reger prudencia cautelosa
O trabalho do boi; deve evitar-lhe
Duras fadigas pela ardente calma;
No estio, aproveitando a madrugada,
E prendendo-o de novo á tarde ao jugo,
O que habita hum terreno pedregoso,
O que destina o boi para os transportes,
Com vantajem de ferro os pés lhe forra.

Por fins, o boi, em toda a vida escravo,
Sente os effeitos da cruel velhice;

Ditoso se cansado das fadigas
De huma vida de penas, de trabalhos,
Esp'rando em paz a tarda mão da idade,
Seus dias acabasse a natureza!
Mas do homem escravo em quanto vivo,
Alimento lhe presta álèm da morte.

Mal gyros doze o sol tem completado,
Muda-se a sorte; subito começa
Hum trato favoravel, mas presagio
Do destinado golpe derradeiro.
He levado a abundantes gordos prados;
Já não lhe opprime o collo o forte jugo;
A sêmea, os grãos, os nabos, as raizes
Do tenro rábão, a batata branda,
C'o sal, que o appetite lhe desperta,
Se lhe prodigalizão; mas em breve
Toma o animal carne, e a rijos golpes
Por terra cahe ás mãos d'aquelle mesmo,
Para quem só tivera força e vida.

Pacifico animal, ricco thesouro
Do activo agricultor, inutil fôra
Teus louvores tecer; assaz conhecem
Os donos teus teu preço : as forças tuas,
Teu soffredor caracter firme e manso
Mais que outro algum te fazem proprio ao tiro
Da pesada charrua, a cujo córte
Oppõe a terra huma teimosa força,
A cada instante renascente e nova.
Ceres te estima e ama; os bons cultores
Com justos elogios te engrandecem.

Nem deixarei ficar no esquecimento
O passivo serviço, os uteis dotes
Do jumento, do pobre unico alivio;
Da mais vasta porção da humanidade,
Que langue na penuria, elle sómente
O trabalho e fadiga he quem supporta.
Se com elle a natura foi avara
De graça, de belleza e de elegancia,

Co' a sobriedade, c'o vigor, c'o geito
Com que os máos passos vence, co' a dureza,
Que lhe faz afrontar o sol e as neves,
Assaz o indemnizou. Como seu dono,
Condemnado á penuria e ao trabalho,
O tojo hirsuto, o cardo, as duras folhas,
As vergonteas das arvores, a relva,
Toda a especie de grão, todo o legume
Lhe serve de alimento; longa vida,
Inda a pezar de hum trato aspero e duro,
Chega o triste a contar. Oh vós cultores,
Que possuis manadas, se quizerdes
Mulos apascentar em vossos campos,
Por campanheiro o burro dai ás eguas;
Porêm que seja forte, de olhos vivos,
De fixa orelha, de luzente pello,
De mais de tres, e menos de dez annos.

Não mais, não mais de agricolas manadas;
Adeos por huma vez tenazes leivas;

Adeos forte charrua, bravos touros,
Ageis cavallos, vigorosos mulos;
Adeos em fim amados lavradores.
Nas margens de hum regato humilde corto
Flexiveis canas, com que brinca o vento,
Por entre ellas ligeiro volitando;
Co' a branda cera os varios canaes uno;
De Pan á imitação, correndo os labios
Co' a doce frauta, agora ante mim chamo
Das rusticas malhadas os pastores.

Vinde, oh mansos rebanhos, ao meu lado
Saltem sobre a verdura os cordeirinhos,
De pedra em pedra os cabritinhos saltem.
Balai em torno a mim, mansas ovelhas,
Trincai os ramos, cabras roedoras;
E em quanto o Deos capripede me guia
Os accentos e a voz no humilde metro,
Ah! vem junto de mim, oh Nize amada,
Acompanhar c' o teu meu docé canto.

Escutai-me oh pastores, que nos campos
Guiais gado lanigero; ao terreno
Acommodai as raças; pois que o solo,
Que nutre a especie menos encorpada,
Nutrição á maior recusar pode.
Porêm qualquer que for das vossas rezes
A grandeza, da lan cuidai attentos;
D'ella tece o pastor a humilde manta,
E a purpura dos reis se tece d'ella.
Preza o alvo carneiro, que no vello
Fino e sem mancha a neve pura imita.
Dá-lhe por companheira a branca ovelha,
E nunca no rebanho teu consente
Das cores variadas a mistura.
Nunca permitte nelle a ovelha annosa,
Nem a que tem symptomas de molestia,
Mórmente se for mal contagioso.

Oh quão habil convem que o pastor seja
Na practica e no trato do seu gado!

Das lans conhecer deve a qualidade,
Quaes para as rezes são os pastos proprios,
Quaes são do bom carneiro, e boa ovelha
Para dar boa raça os caracteres;
Em que tempo convenha unir os sexos,
As crias desmamar, e finalmente
Do vello despojar as rezes mansas.
Necessario he tambem que attento e experto
Distingua os males, que o rebanho opprimem,
D'elles conheça as causas e os remedios.
Se assim não for, em vez de ver vingado,
Verá diminuir-se o seu rebanho;
Ha-de a morte roubar-lhe as novas crias,
Ha-de as mãis extinguir, e pouco e pouco
Definhada verá a especie toda.
Mas se o pastor exp'rimentado e attento
Segue os conselhos com que a arte o guia,
Em qualidade e em numero crescendo
Irão de dia em dia as rezes suas.

Quando os ventos do sul, que as aguas trazem,
Toldão o ar de nuvens procellosas,
Quando o ceo, de torrentes abundante,
Inunda os campos, e submerge os prados;
Ou sobre a terra as neves amontôa,
Crestando as folhas das rasteiras plantas,
Do gelador nordeste o bafo iroso,
Ao pasto os teus rebanhos não conduzas;
Porêm de brandos fenos resguardados
No abrigo dos curraes a ovelha nutre.
Jámais no outono, inverno, ou primavera
Pelo campo orvalhado a ovelha paste;
Só correr as campinas lhe permitte,
Depois que o sol em ondeado fumo
Da fresca aurora dissipára o pranto.

Jámais pelas pastagens pantanosas
Os lanigeros gados pascer devem:
Jámais nos valles humidos e frios,
Ou á sombra do bosque onde não entrão

Do sol os raios, que em vapor dissipão
A humidade excessiva do terreno.
Huma herva fina e enxuta, qual se encontra
Nas fecundas planicies elevadas,
Ou nas brandas encostas das collinas,
Mais que tudo convem a taes rebanhos.

Mas se no inverno os regelados ventos,
As neves e os orvalhos são nocivos
Á mansa ovelha, mais nocivo he inda
O bafo abrazador do quente estio,
Quando raios de fogo dardejando
D'entre os braços do cancro furibundo,
O sol ardente o cerebro lhe fere,
Fraco em extremo, tenro e delicado.
Por isso, então prudente o pastor cauto
De manhan para o occaso; e pela tarde
Para o nascente o gado seu dirige;
Mas do dia no meio, frescas sombras
Sob os copados troncos lhe procura.

Oh pastor vigilante, teus cuidados
Redobra, quando lá no fresco outono
Á terra descem as primeiras aguas,
Para que em turvas, podres alagôas
Hum veneno mortal não beba o gado;
De tempo em tempo então sómente o leva
Aos correntes e limpidos ribeiros,
Ou crystallinas fontes, onde a ovelha
Possa sem risco algum matar a sede.
Só providencias taes, só taes desvelos
Fazem vingar lanigeros rebanhos.

Porém se o pastor quer que as mansas rezes
Recompensem do trato os seus cuidados,
Cumpre que os individuos mais perfeitos
Para a raça formar attento escolha.
Hum carneiro de lan alva e sem mancha
Vigoroso, sadîo, de olhos vivos,
De larga fronte, de focinho rombo,
Estreitas curtas ventas, grande ventre,

Lanosa e longa a orelha, como a cauda,
O collo grosso, o corpo alevantado :
A ovelha de bom pello e curtas pernas,
De longas tetas, larga espadoa e ventre,
De olhar vivo, sadia, e igual na alvura,
São origens de hum optimo rebanho;
Inda melhor, se acaso se concede
Sómente a doze ovelhas hum carneiro,
Bem como ellas, de dois até oito annos.

O pastor vigilante e cuidadoso
Não permitte que o macho as femeas toque
Livremente e sem regra : se pertende
Que huma só vez no anno a ovelha paira
No outono a faz cobrir, desta arte a cria
Á luz virá na doce primavera ;
E no resto do tempo os seus carneiros
Das ovelhas separa, e traz distantes.
Se porêm duas crias quer n'hum anno,
Depois que huma da mãi já não carece,

Ao carneiro de novo a ovelha entrega,
E esta, o fructo no ventre conservando
Cinco mezes, no outono á luz o mostra.
O nascido animal por outo dias,
Ao menos, no curral guarda e conserva,
Mórmente se nasceo em tempo frio.

Da prenhe ovelha attentamente cuida;
Do resto do rebanho á parte a encerra,
Durante a fria noute; quanto possas
Do feroz lobo o uivo carniceiro
Ao timido animal ouvir evita;
D'outra maneira, o susto muitas vezes
Desorganiza o fructo nas entranhas,
Com a sua da mãi levando a vida.

Benigno acolhe Pan o pastor habil,
O qual, se a ovelha o filho seu não lambe,
A fim de o enchugar, de sal o cobre,
Para que do appetite convidada

O auxilio maternal lhe não recuse;
Se ella o leite lhe nega, ao cordeirinho,
Inda a pezar da mãi, a teta entrega;
Se leite assaz não tem, lhe augmenta a copia,
Ministrando-lhe a sêmea, ou a cevada,
O nabo, os rábãos nutrientes hervas,
O feno da luzerna, da hera as folhas,
Temperadas c' o sal, que a ovelha preza.

Que direi eu agora em teu abono,
Pastor, que do cordeiro que padece
Minoras o penar, examinando
Donde provêm o mal, para evitar-lho?
Ao que o frio offendeo, em quentes panos
Envolves carinhoso, e junto ao fogo
O alento vital lhe reanimas;
Ao que findos dois mezes, se desmama,
Da mãi não só apartas, mas lhe impedes
Ouvir della os balidos saudosos;
A bons pastos o guias, brandas sêmeas

Ao principio lhe dás, e os grãos cozidos
Ou na agua, ou no leite saboroso.

E que direi d'aquelle que os cordeiros
Aos quinze dias castra, excepto os poucos,
Que para raça escolhe; que as borregas
Priva de conceber, para que dêem,
Como os carneiros, lan e carne boa,
Castrando-as igualmente ás seis semanas
Depois que ellas tem visto a luz do dia;
Que no curral suspende o sal em pedras,
Para que o gado livremente as lamba,
E o sadio vigor assim conserve;
Que para tosquiá-lo em fim aguarda
Que na fresca risonha primavera,
Afastando a lan velha, já da nova
Venhão sahindo as pontas não frizadas;
Que se acaso ferio no córte as rezes,
Afim de prevenir a sarna e ronha,
As cura sem tardança? Oh vós pastores,

Se o lanigero gado assim tratardes,
Nelle achareis segura recompensa.

Porêm tu, que as inquietas duras cabras
Tens a teu cargo, ao pasto, em quanto o fresco
Orvalho sobre as plantas se demora,
Na manhan as conduze; a hum tal rebanho
Não só apraz pascer nos largos campos,
Ou nas doces encostas das collinas,
Antes prefere a cabra pendurar-se
Dos elevados cumes das montanhas,
Dos serros, das selvagens penedias,
Das escarpadas rochas, das barreiras
Dos fundos horrorosos precipicios;
Desde a mais tenra infancia as mãis seguindo,
Trepão de pedra em pedra os cabritinhos,
E folgão de escolher entre os rochedos
Os novos rebentões de agrestes plantas,
As vergonteas mais tenras dos arbustos,
E das arvores novas o epiderme;

Mas impede que o dente seu nocivo
Toque a planta que estimas, cuja morte
As mais das vezes, segue hum tal insulto.
Para tirar-lhe o leite, a cabra ordenha
Á noute, e sobre a fresca madrugada;
Porêm nunca de sorte, que ao cabrito
Do preciso alimento a copia falte.

Se hum rebanho escolhido ter pertendes,
Boas cabras procura e fortes bodes.
De tres annos té sete, grande corpo,
Cabeça leve, grosso, forte collo,
Pendente orelha, coxa reforçada,
A marcha firme, a barba espessa e longa
O bode deve ter; hum fino pello
Huma garupa larga, hum corpo forte,
De leite as longas tetas abundantes,
Vigor e agilidade a cabra tornão
Para a propagação mais bella e propria;
E se d'esta os filhinhos vigiares,

Verás multiplicar os teus rebanhos,
E terás nomeada entre os pastores.

Oh tu, que volves com o arado a terra,
Tu que as arvores tens a teu cuidado,
Tu vinhateiro, e vós em fim pastores,
Adeos por huma vez. He tempo agora,
Que no seio da paz e do socego
A minha Musa e o estro meu descansem.
Em quanto assim cantava ao som da frauta,
Doce amizade esforços mil fazia
Por lançar-me nos braços do repouso
Por ella, em fim, completos os meus votos,
Consegui acabar singellas rimas
Ao lado do só bem por que anhelava.

Tu pois, que me guiaste a tal ventura,
Tu, prezado Tudella (42), se rompendo
A barreira dos seculos, chegarem
Meus versos aos ouvidos dos vindouros;

Se ainda hum dia a Musa venturosa
Me poder franquear da Fama o templo,
Dentro delle gravar minha mão grata,
Sobre as aras da Deosa, irá teu Nome
Junto ao Nome de Nize, quaes no peito
A amizade e o amor m'os tem gravado.

FIM.

NOTAS.

Huns eminente vêm a Cynosura (1)

pag. 5.

Cynosura, que significa *cauda de cão*, ou segundo a etymologia oriental, *foco de luz*, he hum dos nomes dados á Ursa menor, constellação a mais vizinha do pólo boreal, e serve aqui de designar o mesmo pólo. Nos paizes circumpolares a posição da esphera he parallela, isto he, o equador serve de horizonte, e neste caso, os astros, que no movimento diurno descrevem circulos parallelos ao equador, e por tanto ao hori-

zonte de taes paizes, não varião em altura; o sol porêm será alli visivel metade do anno, e a outra metade occulto; conforme occupar a parte boreal, ou austral da ecliptica, não attendendo ao effeito da refracção.

O austral Xyphias (2) no hemispherio opposto;

pag. 5.

Xyphias, ou *Dourada*, nome de huma das constellações vizinhas ao pólo austral, descriptas por Bayer, serve aqui de designar o mesmo pólo.

E o signo a Pan no Egypto consagrado (3)

pag. 5.

O Capricornio, signo consagrado pelos Egypcios ao Deos Pan, cujo symbolo era hum bode. Aqui, tanto o Cancro, como o Capricornio, são tomados pelos tropicos do mesmo nome, que terminão a zona torrida.

E já quando alumia a sacra Themis. (4)
pag. 6.

Os habitantes do equador tem a esphera perpendicular, e por conseguinte, o sol no zenith nos dois pontos equinoxiaes de Aries, e da Libra. Os Gregos fabulárão ser o Aries celeste o do tozão de ouro dos Argonautas, e a Libra, a Balança da virgem da justiça Themis.

E qual iman, volvendo ao norte a flecha, (5)
pag. 7.

As arvores inclinão a flecha para o nascente, por ser o ponto de donde primeiro se lhes apresenta a luz, agente essencial da vegetação aeria. O cedro do Libano, arvore majestosa, que estende horizontalmente as suas vigorosas e longas braças, he daquella lei geral a unica excepção conhecida, pois que a sua flecha se dirige sempre para o norte; phenomeno, cuja causa a analyse chymica, e as experiencias da physica vegetal não podérão ainda descobrir.

Das Hyades chorosas, (6) que da frente
pag. 9.

Hyades, nome de huma pequena constellação, que forma a cabeça do Taurus: todos sabem que os poetas fabulárão, que estas filhas de Atlas e de Etheria forão transformadas em astros pelos Deoses, condoidos dos prantos, que ellas derramavão continuamente pela morte de seu irmão Hyas. Horacio disse: *et tristes Hyades*.....

A celeste Balança (7): a calma ardente
pag. 12.

Chega o sol á Balança, ou Libra, 7º signo da ecliptica, em 23 de septembro; começa o outono com o equinoxio.

O fogoso Orião (8) c'o braço ingente,
pag. 13.

Orião, ou *Urion*, grande constellação meri-

dional, visivel nas noutes do inverno principalmente.

O amargo tremoço, a fusiforme (9)
pag. 13.

Chamão-se raizes fusiformes as que tem a figura de hum fuso, como a cenoura, o rábão, etc.

Seus tuberosos pomos (10) a batata;
pag. 17.

Chamão-se tuberas certos corpos carnudos, farinhosos, de qualquer figura que sejão, que arrancados, e até ás vezes cortados em pedaços, são capazes de continuar a sua especie; comtanto, que em cada pedaço exista hum olho, pois que elle contêm todos os elementos de germinação de huma nova planta. Raizes tuberosas são as que constão de huma ou mais tuberas.

Ou o onobrychis proprio á terra ingrata. (11)
pag. 17.

O onobrychis (*sainfoin commun* dos Fran-

cezes; *hedysarum onobrychis* dos botanicos), he entre as plantas da familia leguminosa adoptadas para prados artificiaes, a que parece mais util, e de mais extensa applicação para este fim nas differentes provincias de Portugal.

1º. Porque, sendo indigena na Europa meridional, e nella originaria das montanhas calcarias, facilmente pode prosperar com a cultura no clima d'este reino.

2º. Porque, exigindo as plantas de prado artificial, taes como a luzerna, o trevo, etc., terreno plano, profundo, pouco compacto e fresco, o onobrychis prospera nas terras mais seccas, elevadas, pedregosas, e até nas areentas, principalmente se na composição dellas entra substancia calcaria, a qual se encontra quasi geralmente nos terrenos de Portugal.

3º. Porque, o onobrychis, tanto na sementeira, como nos amanhos para as suas colheitas annuaes, exige menos trabalho e menos adubo do que as dittas plantas; he com tudo mui util semeá-lo em terra profundamente lavrada, e ainda melhor se nella tem precedido culturas taes como a do milho, da batata, etc., cujos amanhos dividem a terra, e extinguem

nella as hervas nocivas: huma e outra cousa he conveniente para que, no primeiro e segundo anno, ganhem vigor as raizes desta planta, as quaes, em tal caso, profundão perpendicularmente até dez palmos e mais, de que provêm o vingar o onobrychis nos terrenos ingratos e aridos, pois que pode, pelas suas raizes, procurar em grande profundidade os succos necessarios á vegetação.

4º. Porque, ainda que a luzerna ou o trevo produzem maior quantidade de herva, a do onobrychis, que fornece nos paizes meridionaes tres ou quatro abundantes córtes em cada anno, ouseja dada em verde, ou em feno, he mais substancial, e conserva osgados mais vigorosos e menos expostos a molestias.

5º. Porque, o onobrychis, que dura em prado de 10 até 15 annos, pela decomposição das suas abundantes raizes, melhora consideravelmente o terreno, para nelle se praticar a cultura das cereaes.

Tanto os Inglezes, como os Francezes tem conhecido as vantajens da cultura desta planta, e por isso huns e outros, ha annos a esta parte, tem multiplicado muito os prados

della. He digno de se notar, e de servir de exemplo o que tem acontecido na parte da *Champagne* denominada, pela esterilidade do seu terreno, *Champagne pouilleuse*; esta porção daquella provincia era, ha menos de quarenta annos, o districto mais miseravel de França; os seus gados poucos e enfezados, as suas arvores raras e mesquinhas, e as colheitas das cereaes nunca supprião ao sustento annual dos seus então infelizes habitantes, os quaes com a introducção dos prados do onobrychis, tem feito desapparecer o aspecto indigente daquelle paiz, aonde com este meio, nelle actualmente mui generalizado, as terras produzem abundantes colheitas de cereaes, crião arvores perfeitas, e sustentão gados vigorosos.

Musa, ao agricultor, da marga (12) o uso

pag. 21.

A marga he hum composto de carbonate de cal, e de alumina, ou argila pura; porêm a proporção dos dois principios, que a con-

stituem, varía ao infinito, e he esta variedade que produz as differentes especies de margas, proprias para adubar os diversos terrenos. As margas são quasi todas coradas pelo ferro, e parecem provir da decomposição dos mixtos naturaes de cré e argila, contendo todas mais ou menos silicia.

E vai da Libra ao furibundo Scorpio: (13)

pag. 34.

O Scorpião he huma constellação, que fica aos pés do Serpentario, dedicada a Esculapio de Epidauro, e que o representa tendo nas mãos huma serpente. He tambem chamado Scorpião o outavo signo da ecliptica; e ainda que hoje esta outava divisão do gyro solar não corresponde já á constellação do Scorpião, com tudo, como conserva o nome antigo, aqui o texto applica ao signo a posição e caracteres da constellação.

Ocyroe (14) cobre os grãos co'a terra solta.
pag. 34.

Ocyroe, filha do centauro Chiron, e de Charillo, pretendendo conhecer o futuro, foi convertida em egoa.

Já o estame (15) ao pistillo fecundado
pag. 41.

Os orgãos sexuaes das plantas dividem-se em estames, e pistillos; a funcção dos estames, ou orgãos masculinos, he fecundar com o pó, que contêm nas chamadas antheras, os orgãos femininos, ou pistillos; findo isto, está completo o fim da florescencia: os estames e a corolla, isto he, o tegumento dos orgãos sexuaes immediatamente contiguo a elles, murchão, e deperecem.

E huma aura impura (16) próvidas embebem;
pag. 59.

Os vegetaes tem a propridade de exhalar

de si, quando estão expostos á luz, o oxygeneo, ou ar vital, e pelo contrario a de decompor o gaz acido carbonico, gaz improprio á combustão e respiração.

E com o proprio unguento (17) humedecido

pag. 78.

O unguento a que os Francezes chamão de S. Fiacre, patrono dos pomareiros, he hum composto de argila e bosta de boi, e costumão misturar-lhe palha miuda para o tornar menos facil em fender-se; com elle cobrem as feridas feitas nos troncos, e ramos, até que as tenha coberto a producção da casca.

A branca alface, o nabo turbinado, (18)

pag. 78.

Diz-se a raiz turbinada, quando he conica verticalmente, ou se assemelha a hum pião bailando.

O morango estolhoso (19) alli floresce;

pag. 80.

Chama-se tronco estolhoso, aquelle que sahindo da primeira raiz, lança em mais ou menos distancia, novas raizes na terra, e neste lugar brota dois, ou mais estolhos, isto he, troncos herbaceos, quasi nus de folhas, e sem juntas.

A reptante (20) hortelan, a segurelha,

pag. 80.

Diz-se a raiz reptante, ou serpejante, quando he horizontal, e se estende, lançando radiculas em varias distancias.

De nutrientes capillares (21) tenues;

pag. 87.

Da-se aqui o nome de capillares ás radiculas mais finas, que lanção de si os ramos da principal raiz.

O caule (22) poupa, e inserindo nelle

pag. 88.

O caule he huma especie de tronco, as mais das vezes guarnecido de folhas, que sustenta huma fructificação nem musgosa, nem graminea, nem analoga á dos grames; pode ser herbaceo, como o da alface, e lenhoso, como o da oliveira.

Das aves a lição (23), em largas dornas

pag. 88.

Transcrevo aqui o que se acha publicado no 3º tom. part. II, pag. 30 e 31 dos Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras, por me parecer a mais util explicação, que posso apresentar a respeito do assumpto da presente nota.

« O desenvolvimento da germinação he
» difficil nos caroços das azeitonas, não só
» pela dureza da sua casca, mas tambem
» pela parte oleosa, que entra na compo-

» sição della; ambas estas circumstancias
» obstão á facil introducção do calor e da
» humidade, que devem concorrer no inte-
» rior da semente, como agentes indispen-
» saveis daquella operação da natureza.

» A experiencia tem mostrado constante-
» mente : 1º que nos sitios abundantes de
» caroços de azeitona, por exemplo, na pro-
» ximidade dos lagares de azeite, e até nos
» olivaes cultivados, não se vêem nascer zam-
» bujeiros; 2º que nos matos frequentados
» por animaes costumados a comer azei-
» tonas, e principalmente pertencendo á
» classe dos ruminantes, por exemplo, as
» cabras, e nos sitios e vallados, em que as
» aves que se nutrem com azeitona, costumão
» pousar, se encontrão frequentes zambu-
» jeiros. Em consequencia, os animaes e as
» aves são os unicos semeadores desta arvore,
» os quaes, tendo pelo calor e humidade dos
» seus intestinos, diminuido os obstaculos
» acima referidos, lanção a semente dis-
» posta para entrar em germinação. Imi-
» tando o que acontece nas aves e nos ani-
» maes, podemos conseguir hum facil nas-

» cimento de zambujeiros, e formar viveiros
» regulares desta preciosa arvore. »

Para apoio do que fica transcripto, acrescentarei que, percorrendo e observando em diversas estações varios sitios de matos e de vallados silvestres no termo de Santarem e nas vizinhanças do Zezere, tenho nelles encontrado muitos zambujeiros novos, e alguns recem-nascidos, ao mesmo tempo que não descobri em taes sitios zambujeiros com fructo, ou semente, e em alguns dos mesmos sitios não vi hum só zambujeiro, que segundo a tardia fructificação desta arvore, estivesse em idade de produzir sementes; ou porque os cultivadores aproveitão louvavelmente os zambujeiros para enxertia e plantação, logo que chegão á grandeza conveniente para semelhante destino, segundo as circumstancias da nossa actual agricultura; ou porque os povos os cortão, com damno da mais vantajosa cultura da oliveira, e os destinão para lenha, e para outros usos ainda mais reprehensiveis, qual he o dos cajados da gente do campo.

Por tudo o que fica transcripto e exposto,

parece-me que os passaros e os animaes são os unicos semeadores dos zambujeiros que se encontrão nos matos e vallados.

Tem lançado raiz. Hum tronco herbaceo (24)

pag. 94.

Herbaceo he propriamente o tronco de consistencia não lenhosa, e que perece annualmente; porêm aqui se applica o termo herbaceo á consistencia tenra da nova oliveira.

Alli existe o oxygeneo puro, (25)

pag. 99.

O oxygeneo he o ar respiravel, e proprio á combustão, e que, unido ao azote na proporção de 21 para 79, forma o ar atmospherico em que vivemos.

Alli o nitrogeneo azote (26) impuro

pag. 99.

O nitrogeneo, ou azote, he hum gaz improprio á combustão e respiração.

O carbonico ar (27) nocivo habita,
pag. 100.

O gaz acido carbonico he hum gaz composto de carbone, ou carvão puro, e de oxygeneo; este gaz he improprio á combustão e respiração, e he hum activo veneno para os animaes expostos á sua atmosphera.

E o ligeiro hydrogeneo (28) ao alto sobe.
pag. 100.

O hydrogeneo he hum gaz assim chamado, porque a sua combustão com o oxygeneo produz a agua, de que estes dois gazes são os principios componentes; este gaz, o mais leve de todos, he improprio á respiração e combustão; posto que não seja hum veneno, como o acido carbonico.

E o calorico, agente da natura (29),
pag. 100.

Os chymicos modernos tem reconhecido

ser o calor, ou calorico, hum fluido, ao qual, alem de muitos outros phenomenos, se deve o estado fluido e gazoso das diversas substancias, e a volatilização e dilatação de todas; razão pela qual aqui se chama agente da natureza.

Calyces, (30) e corollas de mil côres,

pag. 105.

O calyx na maior parte das flores, he o tegumento externo dos orgãos sexuaes, de côr verde, ou menos corado que a corolla.

Mil parasitas (31) vão roubando as braças;

pag. 111.

Plantas parasitas são aquellas, cuja raiz está apegada ao tronco, ou pernadas, de outro vegetál, e que tirão delle os succos, com os quaes vegetão, e por isso são nocivas ás plantas a que se unem, ou em que nascem.

O oleo, ainda nas drupas (32), contamina.

pag. 116.

O fructo (botanicamente fallando) he huma, ou mais sementes fecundadas, e nutridas sobre o seu receptaculo, até perfeito estado de madureza. O tegumento d'estas he o que os botanicos chamão pericarpo; a drupa he huma especie de pericarpo sem valvulas, nem suturas, carnudo, de casca coriacea, e contêm no centro huma noz, ou carôço.

Conserva do zenith e do horizonte, (33)

pag. 122.

Novamente se toma aqui a Cynosura pelo pólo, e como a altura d'este sobre o horizonte de hum lugar he igual á latitude do mesmo lugar, vem os ultimos versos a designar os paizes comprehendidos entre o parallelo do 25º, e o do 45º, latitude media entre zero e noventa.

Sobre os longos sarmentos (34) já dispostos.

pag. 129.

Sarmentos são varas nodosas, as quaes tocando na terra, ou em corpos vizinhos, n'elles se arraigão pelas suas juntas; e n'este lugar significão propriamente as varas da videira.

Do ardente alcohol (35), que por activo

pag. 130.

A distillação da agua ardente por hum calor brando, produz huma substancia muito inflammavel e muito volatil, que se chama espirito de vinho, ou alcohol; a formação deste he devida á decomposição do principio assucarado contido no mosto, e tanto mais abundante, quanto o he este principio.

A sahida do gaz forte e assassino, (36)

pag. 144.

O gaz acido carbonico he hum dos pro-

ductos de qualquer das tres fermentações, vinosa, acetosa, putrida.

Que na pelle reside, (37) o calor forte,

pag. 144.

O principio colorante dos vinhos he de natureza resinosa, e contido na pellicula do bago; razão pela qual os vinhos, só depois de feitos, se corão; por isso que só então está formado o alcohol, substancia propria para dissolver e extrahir da pellicula o principio colorante resinoso.

Que na pelle reside, o calor forte, (38)

pag. 144.

Hum dos phenomenos, que acompanhão a fermentação vinosa, he a producção de calor, que ás vezes chega ao decimo outavo gráo (do thermometro de Réaumur). Esta producção de calor he devida á fixação do ar,

